

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

LARISSA LIMA DE FREITAS

**MIGRANTES NORDESTINAS EM SÃO PAULO: TRAJETÓRIAS,
INTERSECCIONALIDADES E IDENTIDADES NA MIGRAÇÃO
CONTEMPORÂNEA DE MULHERES NORDESTINAS PARA SÃO PAULO.**

GUARULHOS

2020

LARISSA LIMA DE FREITAS

**MIGRANTES NORDESTINAS EM SÃO PAULO: TRAJETÓRIAS,
INTERSECCIONALIDADES E IDENTIDADES NA MIGRAÇÃO
CONTEMPORÂNEA DE MULHERES NORDESTINAS PARA SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau em Licenciado em Ciências Sociais. Orientador: Prof. Dr. José Lindomar Coelho Albuquerque.

GUARULHOS

2020

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Freitas, Larissa Lima de.

Migrantes Nordestinas em São Paulo: Trajetórias, interseccionalidades e identidades na migração contemporânea de mulheres nordestinas para São Paulo/ Larissa Lima de Freitas. – Guarulhos, 2020.

57 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020.

Orientador: José Lindomar Coelho Albuquerque.

Título em inglês: Northeast Migrants in São Paulo: Trajectories, interseccionalities and identities in the contemporary migration of northeast woman to São Paulo.

1. Migração 2. Gênero 3. Identidade I. Sobrenome, Nome do orientador.
II. Título.

LARISSA LIMA DE FREITAS

**MIGRANTES NORDESTINAS EM SÃO PAULO: TRAJETÓRIAS,
INTERSECCIONALIDADES E IDENTIDADES NA MIGRAÇÃO
CONTEMPORÂNEA DE MULHERES NORDESTINAS PARA SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau em Licenciado em Ciências Sociais. Orientador: Prof. Dr. José Lindomar Coelho Albuquerque

Aprovado em: ____ de ____ de 2020

Prof. Dr. José Lindomar Coelho Albuquerque.

Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Alexandre Barbosa Pereira.

Universidade Federal de São Paulo

À toda aquela que migra. Em especial, às mulheres do Nordeste.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, como não poderia deixar de ser, agradeço às mulheres interlocutoras desta pesquisa, que além de me dedicarem seu tempo, dedicaram confiança em compartilhar suas histórias.

Agradeço também ao meu orientador, prof. dr. José Lindomar Coelho Albuquerque, por todo o interesse e paciência em indicar caminhos desde o primeiro momento, quando nem eu sabia que direção tomar.

À Universidade Federal de São Paulo, que possibilitou que eu me dedicasse à pesquisa, assim como ao CNPq pela bolsa de iniciação científica

À Berns, pelas leituras atentas desde o projeto até a redação final, e pelas perguntas que eu não sabia responder e me ajudaram a construir este trabalho.

Com seus pássaros
ou a lembrança de seus pássaros,
com seus filhos
ou a lembrança de seus filhos,
com seu povo
ou a lembrança de seu povo,
todos emigram.

De uma quadra a outra
do tempo,
de uma praia a outra
do Atlântico,
de uma serra a outra
das cordilheiras,
todos emigram.

Para o corpo de Berenice
ou o coração de Wall Street,
para o último templo
ou a primeira dose de tóxico,
para dentro de si
ou para todos, para sempre
todos emigram¹

¹ Poesia do escritor, jornalista e sociólogo Alberto da Cunha Melo, inolvidável na performance de Cordel do Fogo Encantado.

RESUMO

A pesquisa busca investigar as trajetórias migratórias de mulheres nordestinas que emigraram da região Nordeste para São Paulo, e que tenham sido elas próprias agentes do seu deslocamento. A partir de uma abordagem das interseccionalidades de gênero, raça e classe, a investigação analisa os processos identitários presentes nas trajetórias de mulheres migrantes. Para pensar os percursos e as identidades dessas mulheres em deslocamento interregional, a pesquisa dialoga com os conceitos de imigrante, identidade, diferença e interseccionalidade desenvolvidos pelos autores Abdelmalek Sayad (1998) e Avtar Brah (2011). A investigação parte, também, das noções de Nordeste, presentes em Albuquerque Junior (2018), e segue à luz da metodologia da história oral, como a apresentada por Gabriele Rosenthal (2014).

Palavras-Chave: Migração. Identidade. Interseccionalidades. Mulheres. Nordeste. São Paulo. Trajetórias Migratórias. História Oral.

ABSTRACT

The research seeks to investigate the migratory trajectories of northeastern women who emigrated from the Northeast region to São Paulo, and who themselves were agents of their displacement. From an approach of the intersectionality of gender, race and class, the investigation analyzes the identity processes present in the trajectories of migrant women. In order to think about the paths and identities of these women in interregional displacement, the research dialogues with the concepts of immigrant, identity, difference and intersectionality developed by the authors Abdelmalek Sayad (1998) and Avtar Brah (2011). The investigation also starts from the notions of Northeast, present in Albuquerque Junior (2018), and follows in the light of the methodology of oral history, as presented by Gabriele Rosenthal (2014).

Keywords: Migration. Identity. Intersectionality. Women. Northeast. São Paulo. Migration Trajectories. Oral History.

SUMÁRIO

.Introdução	09
1. Trajetórias, identidades e interseccionalidades nos estudos migratórios	16
1.1. As trajetórias migratórias	16
1.2. Interseccionalidades na migração	18
1.3. Identidades no deslocamento	20
2. Mulheres, Migrantes e Nordestinas	23
2.1. A migração nordestina para São Paulo	23
2.2. As trajetórias das migrantes nordestinas	25
2.3. Ser e se tornar nordestina em São Paulo	41
2.4. Migrantes nordestinas têm gênero	46
.Considerações Finais	51
.Referências Bibliográficas	55

INTRODUÇÃO

A migração nordestina para o Sudeste, sobretudo para São Paulo, evoca uma imagem consolidada no imaginário social², nas produções literárias e audiovisuais – imagem essa muito ligada a estereótipos - e, também, no conteúdo existente nas produções acadêmicas de até poucos anos atrás – produção muito relacionada a análise de dados estatísticos e econômicos. No entanto, a análise dessa migração tem apresentado algumas mudanças mais recentemente, com abordagens sob outras perspectivas mais específicas e não generalizantes. Assim, como destaca George Martine (2016, p. 1015), “a mera referência ao número de pessoas, com estas ou aquelas características demográficas, que se deslocaram de A para B e vice-versa, por si mesma, significa muito pouco”. Em consonância a isso, essa pesquisa se volta aos fatores particulares daquela que migra, já que se volta à especificidade da migração feminina, histórias das mulheres que hoje emigraram dos diversos estados do nordeste para a capital de São Paulo nos últimos anos, independente da idade e a que geração pertençam, mas que tenham sido elas próprias as agentes dessa migração, e não levadas em um contexto familiar, por exemplo.

Este trabalho tem como objetivo central entender a construção da identidade nas *trajetórias migratórias* (SÁNCHEZ, 2012) dessas mulheres, refletindo sobre estas identidades a partir da abordagem das interseccionalidades de gênero, raça, classe presentes nessas trajetórias. Dentro disso, busca compreender, também, as motivações para o deslocamento do nordeste para São Paulo.

Neste sentido, quando falamos da migrante, ela tem gênero, logo sua história e suas motivações estão ligadas não somente aos aspectos das desigualdades econômicas e sociais, mas estão também imbricadas à posição que o gênero ocupa ao longo das gerações. Suas mudanças, suas lutas, portanto, suas corporalidades.

Avtar Brah (2011), ao tratar das diásporas e da migração em circunstâncias transnacionais, ilumina a ideia de que as categorias não são unitárias e estão dentro de condições historicamente específicas:

Hoje é algo axiomático na teoria e na prática feminista que "mulher" não é uma categoria unitária. Mesmo assim, isso não significa que a categoria em si não tenha sentido. O signo "mulher" tem sua própria especificidade, constituída dentro e através de configurações historicamente específicas das relações de gênero. Seu fluxo

² Ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Ed. Cortez, 2011.

semiótico assume significados específicos nos discursos das diferentes "experiências de ser mulher", nas quais simboliza trajetórias históricas, circunstâncias materiais e experiências culturais particulares (tradução livre).³ (BRAH, 2011, p. 131)

A autora ajuda a pensar na identidade ligada ao lugar de origem, mas também associada a fatores que perpassam os corpos - como o racismo, a classe social. O exercício de alteridade e os próprios processos de deslocamento e de identidades situacionais podem ser fatores de diferenciação social.

A ideia de identidade aqui trabalhada está relacionada a um conjunto de relações contextualmente situadas: a relação entre a dimensão individual (sou nordestina) e a coletiva (nós, as/os nordestinas/os); a relação entre identidade nordestina e diferença paulistana; a condição subjetiva dos sujeitos relacionada às percepções, experiências, sentimentos, memórias dos lugares de origem no Nordeste reelaboradas no contexto migratório e a situação objetivada dos corpos nordestinos em São Paulo marcada muitas vezes por estereótipos que ressaltam determinados sinais diacríticos (cor da pele, sotaque, estatura, etc.)

Em termos sociológicos, já não se faz necessário argumentar sobre a superação dos estereótipos imagéticos relacionados às categorias que por tempo se sabem sociais e não naturais. Entretanto, sabemos que os estereótipos ligados ao nordestino e à mulher nordestina continuam operando na vida prática e cotidiana em contexto paulistano. Porém, também não é possível ignorar a assimilação dessas concepções, ou, como chama Albuquerque Jr. (2011) essas *invenções* de Nordeste - seja a imagem do nordestino miserável, seja a imagem do nordestino heroico. Imagens criadas sempre pelo elo dominante nas relações sociais, dentro de uma dimensão histórica, econômica, política e social.

Essas mulheres, apesar das interseccionalidades que as diferem, compartilham de uma mesma experiência comum: a da migração. Ao longo do trabalho, buscarei compreender de que forma na trajetória migratória, de deslocamento territorial e inserção na realidade paulistana, se dá a construção situacional da identidade destas mulheres a partir do contato com a diferença⁴ na cidade de São Paulo. Segundo Kathleen Woodward (2005), que aborda os

³ Hoy es algo axiomático en la teoría y la práctica feminista que la «mujer» no es una categoría unitaria. Aún así, esto no significa que la categoría en sí misma carezca de sentido. El signo «mujer» tiene su propia especificidad constituida dentro de y a través de configuraciones históricamente específicas de relaciones de género. Su flujo semiótico asume significados específicos en los discursos de diferentes «experiencias de ser mujer» en los que llega a simbolizar trayectorias históricas, circunstancias materiales y experiencias culturales particulares (BRAH, 2011, p. 131)

⁴ Diferença no conceito de Stuart Hall

processos de identificação a partir da perspectiva de Stuart Hall, a construção da identidade é realizada a partir do campo de disputa com o outro, sendo marcada, assim, pela diferença.

Todavia, antes de buscar compreender as possibilidades presentes no estudo de identidades, é importante refletir sobre a própria ideia de migrantes destas mulheres:

[...] o resultado disso tudo foi que todos acabaram por acreditar que os imigrantes tinham seu lugar durável, um lugar à margem e na parte inferior da hierarquia social, é verdade, mas um lugar duradouro; quer, ao reconhecer a utilidade econômica e social dos imigrantes, ou seja, as “vantagens” que eles ofereciam para a economia que os utilizava, se queira agradecer-lhes (pelo menos verbalmente) [...] quer ao taxá-los de parasitas e ao estimar que não se deve nada a eles, se deplora o “custo social” elevado que sua presença impõe à sociedade, ao mesmo tempo que se gosta de afirmar, nas suas costas (ou seja, de forma fácil), as virtudes com as quais se gratifica a sociedade de recepção e com as quais se gratifica a si mesmo [...]. (SAYAD, 1998, p. 47)

O trecho citado versa sobre um contexto da imigração argelina para a França, mas poderíamos estar falando da migração nordestina para São Paulo, que tem seu maior fluxo no período de industrialização da região e seguiu de maneira bastante expressiva até os anos 1970.

Embora as mulheres interlocutoras desta pesquisa apresentem também razões espontâneas e pessoais na escolha do ato de migrar para São Paulo, ainda assim encontrei, nas primeiras conversas com elas, o discurso da busca de melhorias de oportunidades relacionadas a estudo e emprego. Dessa forma, o fator econômico, mesmo não sendo o único ou o principal, também percorre essas trajetórias contemplando a compreensão de Sayad sobre a percepção social em relação ao ser um imigrante, aquele que é representado como “essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (SAYAD, 1998, p. 54).

Aqui, o fator temporário tem se mostrado um ponto chave na escolha de São Paulo como o destino das mulheres em que a pesquisa se concentra. Em uma análise de fluxos migratórios, Wilson Fusco⁵(2012), identificou que a cidade de São Paulo continua sendo o principal destino da migração proveniente do Nordeste, mas é também, a partir dos anos 2000, o lugar onde mais há retorno desses migrantes para seus estados ou cidades de nascimento.

Desse modo, para buscar entender as trajetórias migratórias dessas mulheres era essencial que também se buscasse compreender as motivações que deram início a essas

5 Doutor em Demografia, Unicamp

trajetórias, compreender as mudanças e continuidades do processo histórico, ainda que tratemos de contemporaneidade, e as dinâmicas familiares inseridas neste processo.

Dessa forma, esta abordagem está em consonância com a concepção de migração e história oral dada por Thomson (2002), contribuindo assim para a afinidade e fundamentação da metodologia escolhida.

(...) como a maioria dos estudos de história oral, enxergo a passagem física da migração de um lugar para outro como apenas um evento em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos e que continua por toda a vida do migrante e pelas gerações subsequentes. (THOMSON, 2002, p. 341)

O procedimento metodológico principal para a investigação foi a história de vida, um recurso metodológico que permite pensar a centralidade das trajetórias individuais e suas múltiplas relações com a vida social. Além disso, trata-se de um recurso de pesquisa que prioriza a voz daquelas que foram historicamente silenciadas e oprimidas por serem mulheres, nordestinas e, em algumas trajetórias, por serem não brancas e assumirem outras orientações sexuais.

Ademais, como caminho metodológico para guiar as conversas com as interlocutoras, foi priorizado o antes, o durante e o depois do deslocamento, pensando a relação dinâmica entre passado, presente e futuro antecipado (ROSENTHAL, 2014), e o que revela as ênfases, as seleções das histórias contadas e até mesmo os esquecimentos. Não olvidamos também as críticas de Pierre Bourdieu a esta metodologia, ao olhar criticamente para o ordenamento da vida de forma cronológica e como tendo uma finalidade, *um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional* (BOURDIEU, 1986, p.183), como costuma aparecer em relatos autobiográficos. Ponto este que Thomson também chamou atenção ao lembrar que “nossa identidade (...) atual afeta a maneira como estruturamos, articulamos e na verdade lembramos a história de nossa vida” (THOMSON, 2002, p. 358). Portanto, uma investigação consistente por meio de fontes orais se dá primeiramente no se fazer ouvir criticamente. Também, ao tratar de fontes orais e entrevistas, retomo Bourdieu, agora em seu texto “Compreender” (1999), quando ele nos diz sobre o fazer sociológico que:

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma *reflexividade reflexiva*, baseada num “trabalho”, num “olho” sociológico, permite perceber e controlar no *campo*, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência de seus próprios pressupostos? Principalmente esforçando-se para fazer um uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos da ciência social para

controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis da pergunta (BOURDIEU, Pierre. 1999. p. 694)

A subjetividade presente em um relato sobre si, ao contrário de ser uma falha presente em uma pesquisa que se utiliza das histórias de vida, é justamente um dos fatores mais relevantes. Essa subjetividade, desde que levada em conta pelo pesquisador, assim como sua própria subjetividade ao interpretar, pode nos dizer muito sobre a vida social e o contexto em que o entrevistado está inserido. Suas escolhas de palavras, suas lembranças, o que é dito e, sobretudo, também o que não é dito.

Gabriela Rosenthal aponta o papel central da discussão sobre memória, como a seleção, a ênfase, o esquecimento e as censuras podem comunicar ao pesquisador. Para ela, é preciso olhar para toda a relação dinâmica entre passado, presente e o futuro antecipado nos relatos de histórias de vida, analisar as diferenças do que é vivenciado a medida em que essa vivência é narrada. O pesquisador não pode esquecer de levar em consideração o contexto presente em que se está realizando a entrevista como efeito para aquelas que narram o seu passado. Olhar para o passado com a perspectiva do presente é mais um filtro a ser observado. Dessa forma, para Rosenthal, para se realizar e interpretar uma história de vida é necessário estar atento tanto às subjetividades e o que elas trazem à tona, quanto as objetividades também presentes, tanto as regularidades nos relatos quanto suas singularidades.

Precisa-se fazer uma diferenciação analiticamente cuidadosa entre as situações vivenciadas no passado, as modificações desses passados vivenciados nas diversas fases da vida, os processos recordativos no presente da narração, a moldagem linguística e comunicacional bem como os enquadramentos interativamente produzidos da situação narrativa. Formulando-o de maneira simplificada, é preciso distinguir entre o passado vivenciado e o narrado, mesmo que esses níveis não possam ser separados um do outro ou todo passado apresentado no presente seja condicionado pela perspectiva do presente e, inversamente, o presente seja determinado pelo passado. (ROSENTHAL, 2014, p.232)

Esta pesquisa busca se respaldar nas indicações metodológicas de Rosenthal *a respeito da relação dialética entre vivenciar, lembrar e narrar*⁶, primeiro abordando de maneira livre as histórias contadas, e ao reconhecer as ênfases e oclusões, buscar explorar as dimensões identificadas.

O reconhecimento dessas características não invalida a oralidade como poder de fonte - ao reconhecê-la o pesquisador explicita as possibilidades existentes e demonstra que toda

⁶ Ibidem

objetividade vem cercada de subjetividade daquele que fala, daquele que escreve e, em última instância, daquele que lê. Seja na história oral ou na história escrita.

Outrossim, as ciências sociais têm se debruçado sobre importância de se estudar identidade⁷, em busca constante para se desessencializar o termo a medida em que se desenrola os fios das construções sociais. E estudar as identidades dentro das trajetórias migratórias enriquece, inclusive, os próprios estudos de migração, até então fortemente centralizados na figura do homem e sua força de trabalho.

Dito isso, é preciso ressaltar que minhas escolhas como pesquisadora não estão imunes - nem deveriam estar - à minha própria trajetória pessoal e migratória, que desdobra em todas essas características de requisitos apresentados - sou de Pernambuco, emigrei no final do ano de 2010 para São Paulo, sozinha, e o problema teórico que escolhi são também perguntas que pessoalmente ainda não consegui responder, mas que sociologicamente podem ser elucidadas.

Dessa forma, serão apresentadas aqui histórias de vida de cinco mulheres migrantes que se encontram, hoje, em São Paulo. Além dos recortes apresentados anteriormente, a escolha delas se deu na diferença de idade, na preferência em serem de diferentes estados do Nordeste e estarem em diferentes regiões de São Paulo, para que houvesse mais possibilidade de perspectivas variadas e um maior escopo para a pesquisa. Na escolha final, tendo em vista os requisitos do problema da pesquisa e as possibilidades que a rede de contato oferecia, não foi possível que fossem todas de estados diferentes da região Nordeste. Quanto aos encontros, houve algumas diferenças entre as interlocutoras. Algumas, encontrei no período pré pandemia do novo *coronavírus*, e depois demos continuidade com encontros online. Outras, porém, só pude conversar já de forma virtual, o que exigiu adaptações na própria maneira de lidar com a metodologia escolhida - sempre permanecendo com ela no horizonte mas considerando e entendendo todo o novo contexto social e o que ele passou a exigir também dos pesquisadores.

Portanto, ainda que já estivesse utilizando alguns encontros online com as primeiras entrevistadas, o andamento desses encontros também tiveram de ser assimilados em um outro cenário coletivo, com as possibilidades de cada uma sendo alteradas dentro dessa circunstância. Assim, vai ser possível notar que o desenvolvimento de alguns temas foram limitados pela situação descrita, já que para desenvolvê-los seria necessário a confiança e

⁷ Ver: HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Editora Vozes, 2005.

espontaneidade entre pesquisadora e interlocutoras que a frequência de encontros possibilita. Além de, claro, possibilitar uma observação mais atenciosa às formas não verbais da fala.

1. TRAJETÓRIAS, IDENTIDADES, INTERSECCIONALIDADES

1.1. Trajetórias migratórias

O conceito de trajetória migratória é definido, portanto, como uma ponte entre aportes teóricos e metodológicos. Segundo Sánchez (2012), trata-se de uma ferramenta que pode contribuir com a sistematização da multiespacialidade da experiência migratória e com a compreensão das mudanças, continuidades e rupturas no processo histórico da migração. (PERES, 2014. p.10)

Sob o conceito de trajetória migratória, olharemos para as experiências de migração de uma forma minuciosa no que diz respeito às questões a sua volta, além do fato em si da migração. Quais as transformações que ocorrem dentro dessa trajetória e a partir dessa experiência. Por isso, para as autoras citadas, não se pode falar em trajetória migratória sem falar nas relações familiares: o que de mudança ocorre na família que fica, o que de mudança ocorre entre as pessoas que migram em relação a suas famílias, quais as mudanças de papéis de gênero que aconteceram ao longo das trajetórias, etc. Portanto, essa dimensão familiar versa sobre quem fica e sobre quem sai.

No caso deste trabalho, no qual é concentrado em mulheres que migraram sozinhas, as famílias, ou grande parte delas, permaneceram no lugar de origem. Desta forma, para investigar a trajetória dessas mulheres, essa dinâmica familiar é um dos eixos centrais desta investigação.

Nessa perspectiva, é possível articular analiticamente as decisões individuais e aquelas vinculadas a outras áreas da vida social, concentrando as observações em momentos de transição ao longo do curso da vida (tradução livre).⁸ (SÁNCHEZ, 2012. p.459)

Ademais, partindo da tomada da trajetória migratória como a experiência que abrange os fatores que vão além do ato de se deslocar geograficamente, quando tratamos de mulheres nordestinas que migraram para São Paulo estamos, também, tratando de uma experiência que vai além das migrações destas mulheres presentes aqui. A experiência da migração nordestina para São Paulo está, antes delas, inserida em um processo histórico. Esse fluxo migratório, por

⁸ Desde esta perspectiva, es posible articular analiticamente las decisiones individuales y las ligadas a otros ámbitos de la vida social a partir de enfocar las observaciones en los momentos de transición a lo largo del curso de vida. (SÁNCHEZ, 2012. p.459)

mais que não viva mais seu auge, nunca cessou⁹, como observaremos mais a frente nos dados referentes a essas migrações. É portanto, um processo contínuo, ainda que com motivações que não são mais as mesmas daquelas já conhecidas - como o desenvolvimento industrial em São Paulo. Tendo já vasto conhecimento de dados quantitativos do ainda grande número de migrações entre os estados do Nordeste e São Paulo¹⁰, busca-se aqui, como dito introdutoriamente, as questões presentes nessas trajetórias, desde as motivações para que elas ocorressem, às questões que atravessam a inserção destas mulheres na realidade paulistana e seus encontros com a alteridade num contexto mais amplo de transformação.

A trajetória permite um recorte analítico da biografia, ordenar, sistematizar e interpretar a experiência migratória em um intervalo de tempo, condensando as sobreposições entre as condições históricas de um sujeito migrante e a experiência migratória da pessoa (tradução livre). (Ibidem, p. 455-456)¹¹

Portanto, realizar um trabalho de pesquisa sob a perspectiva de trajetória migratória, é entender que além das informações obtidas por meio das histórias de vida e a análise dessas informações perante o olhar sociológico, é também abordar simultaneamente os fatores espaciais, sociais, históricos dos processos migratórios. Assim como as relações familiares e as mudanças na dinâmica das relações e nas formas em que essas relações eram e passam a ser estruturadas. Sendo assim, não parte e termina apenas na perspectiva do indivíduo, mas se relaciona com a perspectiva social e histórica e, sobretudo, como acontecem as interrelações entre todos esses elementos.

Além das mudanças nas relações entre a pessoa migrante e a família, há também as mudanças nos próprios percursos e novas dinâmicas construídas - como novas relações de trabalho, de estudos, casamento e filhos se houver.

Ainda que não seja possível abarcar todos esses fatores, é possível, de toda forma, localizar essas mulheres no espaço e no tempo histórico, assim como inseridas em um processo específico como o da migração nordestina para São Paulo. E quando me refiro à mulheres, não denomino apenas o sexo das pessoas desta pesquisa, mas as localizo em um

9 Ver em BAENINGER, Rosana. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Núcleo de Estudos de População (NEPO)-UNICAMP, 2013.

10 IBIDEM

11 La trayectoria permite realizar un recorte analítico de la biografía, ordenar, sistematizar, e interpretar la experiencia migratoria en un intervalo de tiempo, condensando las imbricaciones entre las condiciones históricas de un sujeto migrante y la experiencia migratoria de la persona. (IBIDEM, p. 455-456)

gênero, que traz com ele também questões específicas e dita como algumas relações se dão - sejam relações no âmbito dos papéis de gênero dentro da família, como os papéis de gênero na sociedade de forma geral e, ainda, as mudanças desses papéis.

Desse modo, ao investigar as trajetórias e as várias camadas que as compõem, investigo também como as interseccionalidades (BRAH, 2011) se apresentam, constituem esses percursos de vida e são fatores primordiais na construção da identidade destas migrantes.

1.2 Interseccionalidades na migração

Assim, o foco analítico se concentra na construção social de diferentes categorias de mulheres dentro dos processos ideológicos e estruturais mais amplos. Em nenhum momento se afirma que uma categoria individual é internamente homogênea. As mulheres da classe trabalhadora, por exemplo, compreendem grupos muito diversos de pessoas dentro e entre diferentes formações sociais. A posição de classe aponta certas características comuns em relação às possibilidades sociais, mas a classe é articulada com outros eixos de diferenciação, como racismo, heterossexualidade ou casta, delineando os diferentes modos de vida possíveis para categorias específicas de mulheres (tradução livre). (BRAH, 2011. p. 131)¹²

Quando digo que as mulheres desta pesquisa estão localizadas por meio do gênero, não as coloco sob essa categoria de forma totalizante, estou aqui considerando o gênero, como Brah, como uma das categorias de articulação. Por meio desta abordagem a categoria analítica não é o gênero, mas a *diferença*. Ou seja, não há centralidade ou hierarquização das categorias como gênero, raça, classe, sexualidade e etnia. Essas categorias não são concebidas de forma independentes, mas interconectadas.

A noção de articulação questiona uma possível essencialização das categorias e das identidades e busca compreender as dinâmicas de poder que se apresentam a depender das diferenciações sociais. Brah sugere quatro maneiras de se conceituar a diferença, que são a diferença como experiência, como relação social, como subjetividade e como identidade.

A diferença como experiência seria o lugar da formação do sujeito, como ele concebe e interpreta algo, onde ele é culturalmente construído. Essa experiência, além de interpretar a

¹² Así, el foco analítico se centra en la construcción social de diferentes categorías de mujeres dentro de los procesos ideológicos y estructurales más amplios. No se afirma en ningún momento que una categoría individual sea homogénea de forma interna. Las mujeres de clase trabajadora, por ejemplo, comprenden muy diversos grupos de personas tanto dentro como entre las diferentes formaciones sociales. La posición de clase señala ciertas características comunes en cuanto a posibilidades sociales, pero la clase se articula con otros ejes de diferenciación tales como el racismo, la heterossexualidad o la casta, delineando las distintas formas de vida posibles para categorías específicas de mujeres. (BRAH, 2011. P. 131)

realidade, precisa ela também ser interpretada, para que não seja equivocadamente considerada como verdade absoluta daquele que a tem.

A diferença como relação social se refere às “trajetórias históricas e contemporâneas de circunstâncias materiais e práticas culturais que produzem as condições para a construção de identidades de grupo (tradução livre)”¹³. Um exemplo utilizado pela própria autora é de quando legados da escravidão são invocados. Já a diferença como subjetividade é, como o nome aponta, a afliência entre o que há de social e o que há de personalidade do indivíduo, levando em consideração influências da psicanálise.

Por fim, a diferença como identidade seria a articulação de todas as outras. “As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições do sujeito que constituem o sujeito (tradução livre)”¹⁴. A identidade para Brah não é fixa, nem singular, e está em constante mudança. Porém, a depender do conjunto de circunstâncias, assumem padrões específicos.

Mas as categorias de articulação que compõem os sujeitos não se apresentam como limitantes, ou tratam apenas de diferentes formas de opressão, mas elas também podem ser possibilidades de diferentes ações. No caso das trajetórias migratórias analisadas aqui, migrante e nordestina são duas categorias que podem juntar às demais interseccionalidades, lembrando aqui que não se juntam de formas independentes, como peças de um quebra-cabeças que desvendam as identidades e tessituras das relações, mas são categorias interrelacionadas, contíguas.

Bruna, Camila, Roberta, Maria Edna e Lúcia¹⁵, as mulheres que vamos conhecer ao longo da pesquisa, são atravessadas ora por diferentes ora por similares interseccionalidades, e nenhuma especificidade se dá de forma isolada na vida social. Não é apenas uma mulher. É uma mulher migrante. Mulher, migrante, nordestina e negra. Mulher migrante, nordestina e lésbica.

E a categoria migrante é imprescindível especialmente quando pensamos a fluidez das identidades a partir das mudanças proporcionadas na trajetória migratória. As mudanças tanto de escolhas de percursos de vida quanto as mudanças na subjetividade dessas mulheres, já que é na diferença que elas, por exemplo, passam a se distinguir como mulheres nordestinas.

13 trayectorias históricas y contemporâneas de circunstancias materiales y prácticas culturales que producen las condiciones para la construcción de identidades de grupo. (Ibidem. p.146).

14 Las identidades están marcadas por la multiplicidad de posiciones de sujeto que constituyen al sujeto (Ibidem. p.152)

15 Único nome fictício é o de Lúcia, as demais autorizaram a identificação e divulgação de seus nomes para fins de pesquisa científica.

1.3 Identidades em deslocamento

"Você se vê como africana ou indiana?", Perguntou um jurado norte-americano.

[...]

A princípio, essa pergunta me pareceu absurda. Ele não via que eu era ambas as coisas? (tradução livre)¹⁶ (BRAH, 2011, p. 24)

“Eu sempre achei que porque eu tinha nascido em São Paulo eu era paulista mesmo. Mas não. Não é porque eu nasci em São Paulo... eu tenho uma cultura baiana, meu sotaque é baiano, entendeu?” (Bruna Novais, 2020, entrevista 1¹⁷)

Se quando falamos em trajetórias migratórias, falamos de movimento, das mudanças que ocorrem a partir, durante e depois do processo de deslocamento, não é insólito que a identidade, que já não é fixa como Brah aponta, também entre em movimento de maneira particular à migração. Dessa forma, as noções de diferença e de identidade se inter cruzam na análise das trajetórias migratórias de Bruna, Camila, Roberta, Maria Edna e Lúcia.

As histórias de vida dessas mulheres aqui retratadas, portanto, vêm na tentativa de enxergar a multiplicidade de fatores que podem envolver a decisão de migrar, sem que esses fatores estejam separados das outras multiplicidades de fatores ligados às identidades, como as interseccionalidades que perpassam os corpos. Sem esquecer, contudo, de também considerar outras possibilidades existentes que dependeriam de outras escolhas, para que as histórias de vida e trajetórias migratórias não sejam apresentadas e analisadas equivocadamente como propensas a determinismos. O tornar-se migrante foi, antes de tudo, uma decisão.

A migração destas mulheres produz deslocamentos espaciais, simbólicos e identitários. Assim como para Stuart Hall e Kathryn Woodward, a identidade depende daquilo que está fora dela e é sustentada pela exclusão - para ser eu, é preciso não ser o outro - e essa identidade marcada na diferença é também marcada por símbolos - a roupa que se veste, a comida que se escolhe comer, a música que se escolhe ouvir, etc - podemos pensar a representação nordestina também sob esta chave. Albuquerque Junior considera que as imagens atribuídas aos nordestinos, imagens essas estereotipadas, também se originaram no ‘outro’, no Sul/Sudeste do país, que pelas relações de poder atribuíram para si “o espaço de onde se fala como referência, como centro do país” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 54), e

¹⁶ ¿Se ve a sí misma como africana o como india?, me preguntó un norteamericano miembro del jurado. [...] Al principio esta pregunta me pareció absurda. ¿Acaso no veía que yo era ambas cosas? (BRAH, 2011, p. 24)

¹⁷ Entrevista concedida por NOVAIS, Bruna. Entrevista I. [jan. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. São Paulo, 2020.

todo o restante do país passou a ter caráter “regional”. Essa criação de estereótipos, para Albuquerque, também passou pela contribuição de estudiosos e sociólogos que, na tentativa de desmistificar o nordestino como o ‘miserável’, atribuiu uma outra imagem igualmente ficcional, que é a imagem do nordestino ‘valente’. Ficcional não no sentido de ser uma mentira, mas de ser limitante.

[...] o estereótipo não é apenas um olhar ou uma fala torta, mentirosa. O estereótipo é um olhar e uma fala produtiva, ele tem uma dimensão concreta, porque, além de lançar mão de matérias e formas de expressão do sub lunar, ele se materializa ao ser subjetivado por quem é estereotipado, ao criar uma realidade para o que toma como objeto. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 30)

E ao criar essa realidade, esses estereótipos podem também ser assimilados por aqueles que são estereotipados, seja de uma maneira de sobrevivência nas relações de poder, seja de maneira a se apropriar dessas características como identidade própria ou identidade de grupo ao se ver em uma situação de contato com a diferença. A identidade passa a ser aquilo que se é, de onde se veio, em contraste ao onde se está. A identidade, portanto, é relacional. (HALL; WOODWARD, 2005), e aqui se manifesta justamente no contato com o outro, na diferença, portanto a partir da migração.

Uma outra forma em que se vê a busca por se estabelecer uma identidade é por meio de reivindicações de antecedentes históricos, o que pode ser observado em narrativas de si, de familiares, dos seus. Para estes autores a identidade também está vinculada às condições sociais e materiais, fazendo com que dentro das diferenças, uns sejam mais diferentes que outros. Sudeste e Nordeste são regiões diferentes, mas apenas à segunda é atribuída condição de regionalidade.

Uma das discussões centrais sobre a identidade concentra-se na tensão entre os essencialismos e o não essencialismo. O essencialismo pode fundamentar suas afirmações tanto na história quanto na biologia [...] O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade - por exemplo para a identidade sexual. (Ibidem, p. 15)

O corpo, assim como em Brah, mais uma vez é a fronteira que se apresenta como a real, que antecede a fronteira das regiões.

No início deste subcapítulo, apresentei uma fala da entrevista de Bruna Novais, primeira mulher que conheci para fazer parte da pesquisa. Bruna nasceu em São Paulo mas

ainda muito pequena foi com a família, que é baiana, de volta para a Bahia. E hoje reivindica-se dessa forma - baiana.

Como falei anteriormente, devido às medidas de isolamento social que estamos vivendo, alguns encontros presenciais planejados foram cancelados e dessa forma alguns assuntos, como o desenvolvimento do tema da sexualidade, que eu gostaria de ter aprofundado de forma mais contundente, foram abordados da forma que o contexto em que a pesquisa foi realizada permitia, levantando a possibilidade de que talvez, pessoalmente, eles pudessem ser tratados de maneira mais detalhada. Porém, no material em que já é possível se debruçar, já se pode identificar questões como a que Bruna traz, que tanto nos fala da complexidade dessas relações de identidade em uma trajetória migratória, que são esses entre lugares. Assim como na primeira conversa que tive com Camila Lins, em que ela depois de oito anos morando e trabalhando em São Paulo, ainda é a casa dos pais, em Maceió, que ela chama de sua casa, sendo inevitável associar sua fala com Abdelmalek Sayad (1998) e o sentimento de provisoriedade e a relação ambivalente de ausência/presença com o “lugar de origem” e de presença/ausência no “lugar de destino” ligado ao migrante, assim como sentidos de “casa” e “lar” mobilizados por Avtar Brah (2011) ao se referir à ideia de diáspora e os elos de ligação com a “terra natal”. Portanto, tendo em vista a reflexão teórica e metodológica feita até aqui, iremos agora analisar as trajetórias migratórias dessas mulheres entrevistadas.

2. MULHERES, MIGRANTES E NORDESTINAS

2.1. A migração nordestina para São Paulo

Ao colocar o tema da migração nordestina em sites acadêmicos, como o *Scholar*¹⁸, nenhum dos primeiros dez resultados tem alguma referência a recorte de gênero. A primeira vez que o termo aparece no feminino, “nordestina”, é na terceira página e se refere a um trabalho que analisa a escolarização em Ituiutaba - MG¹⁹. Nem quando se alteram as palavras-chaves da pesquisa, especificando o gênero, os resultados mudam. No catálogo de teses e dissertações da *Capes*, nos primeiros 20 resultados, há dois trabalhos que se referem à migrante nordestina (em Roraima e em Minas Gerais), e na página da *Scielo* não foi obtido nenhum resultado sobre o tema.

Artigos como o de Camila Escudero²⁰, ou o de Roberta de Alencar-Rodrigues, Marlene Strey e Leonor Espinosa²¹, são alguns exemplos pinçados em que gênero e migrações aparecem juntos de alguma forma, servindo de auxílio em alguns aspectos abordados, mas como os títulos sugerem, esses trabalhos não se referem especificamente às migrações nordestinas. Vale apontar que trabalhos de análises cinematográficas apresentam uma quantidade um pouco mais expressiva com os vieses de gênero e regionalidade.

Não estou afirmando, contudo, que existam apenas esses trabalhos dentro de todo um universo acadêmico. Porém, essa é demonstração do que está disponível e difundido por relevantes plataformas de busca, sobretudo quando o pesquisador só detém de meios eletrônicos para sua pesquisa²².

Quanto à migração nordestina, os temas mais difundidos, e que possuem uma vasta literatura, são análises de dados censitários, números migratórios e caracterização de níveis de pobreza. Historicamente, o segundo governo Vargas e o período de industrialização do país

18 Google Acadêmico. Disponível em <<https://scholar.google.com.br>>

19 DE SOUZA, Sauloéber Tarsio; SILVEIRA, Daiane de Lima Soares. Migrantes nordestinas e escolarização em Ituiutaba-MG (anos 1950-1960). **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 10, n. 40, p. 245-257, 2010.

20 ESCUDERO, Camila. O protagonismo de mulheres imigrantes na construção de redes sociais para o fortalecimento identitário: o caso das Brasileiras em Chicago (EUA). **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 24, n. 48, p. 179-196, 2016.

21 DE ALENCAR RODRIGUES, Roberta; STREY, Marlene Neves; ESPINOSA, Leonor Cantera. Marcas do Gênero nas Migrações Internacionais. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, 2010.

22 Referência ao momento de enfrentamento à pandemia de Coronavírus no país, que até o momento da redação deste trabalho já passava dos 150 dias de isolamento social.

são os assuntos mais fortemente associados ao tema. Referente à São Paulo e suas migrações, podemos encontrar análises de urbanização e redistribuição da população, além das configurações de mercado de trabalho. Mercado de trabalho esse preponderantemente masculino, como nos trabalhos de Mônica de Melo Ferrari²³ e Paulo Roberto Ribeiro Fontes²⁴, que tratam, sucessivamente, da migração nordestina no segundo Governo Vargas e da comunidade operária em São Miguel Paulista.

Porém, esse migrante não nos é apresentado como o migrante homem, com os espaços socialmente ocupados por ele. Esse migrante nos surge, em grande parte, como uma categoria sem gênero. O que não significa que esses trabalhos não nos fale também sobre a mulher migrante, pensando aqui na categoria migrante e nos aspectos comuns que transpassam todos os corpos inseridos nela.

“Como impor a definição mais próxima do modelo ideal típico do imigrante e da imigração? Qual será então essa definição? Afinal, o que é um imigrante?” (SAYAD, 1998, p. 54).

Apesar de utilizar Sayad para pensar sobre o ser migrante, é preciso que se pontue que Sayad aborda a questão do imigrante, de uma pessoa que se encontra em outro país, portanto, que se encontra em posições paradoxalmente de muito mais alteridade. Mas como essa pesquisa se debruça em migrantes nordestinas para São Paulo, é muito familiar a representação desta migrante vista como “essencialmente uma força de trabalho”²⁵, tendo sua razão de ser apenas pelo trabalho. As definições sociais em relação ao migrante são, também aqui, definições advindas da dominação econômica. Inclusive, como já foi falado, os estudos que abordam a migração nordestina para São Paulo são, em maior parte, compostos por dados socioeconômicos e a evidência das desigualdades sociais.

A imigração acabou, sob a influência de diversos fatores, por se constituir como “problema social” antes de se tornar objeto da sociologia. Mais do que qualquer outro objeto social, não existe outro discurso sobre o imigrante, a imigração que não seja um discurso imposto; mais do que isso é até mesmo toda a problemática da ciência social da imigração que é uma problemática imposta. (Ibidem, p. 56)

²³ FERRARI, Monia de Melo. A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954)- seca e desigualdades regionais. 2005.

²⁴ FONTES, Paulo Roberto Ribeiro et al. Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966). 2002.

²⁵ Ibidem, p. 54

As histórias de vida dessas mulheres aqui retratadas, portanto, vêm na tentativa de ir na contramão desses aspectos. Não negando sua existência, mas buscando enxergar a multiplicidade de fatores que podem envolver a decisão da migração, a decisão ainda que talvez não consciente, mas a de tornar-se um ser, antes de tudo, migrante.

2.2 As trajetórias das migrantes nordestinas

“Nordeste é uma ficção! Nordeste nunca houve!
 Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!
 Não sou da nação dos condenados!
 Não sou do sertão dos ofendidos!
 Você sabe bem: Conheço o meu lugar!” (BELCHIOR, 1979, Conheço o Meu Lugar)

As migrantes nordestinas que têm participado e contribuído com esta pesquisa são Bruna Novais (23 anos), Roberta Borges (29 anos), Camila Lins (32 anos), Maria Edna (53 anos) e Lúcia*²⁶ (59 anos). Todas elas foram contatadas por rede de pessoas conhecidas, mas apenas Bruna eu conhecia previamente.

Bruna cursa licenciatura em História, na Universidade Federal de São Paulo, migrou de Vitória da Conquista, Bahia, em 2017 por causa da faculdade. E ela nos traz uma questão singular: Bruna nasceu em São Paulo mas se reivindica baiana - apesar de não se identificar como conquistense.

Toda sua família é do Nordeste e ela foi aos cinco anos de idade para Vitória da Conquista. Como seus avós moravam em São Paulo há alguns anos, ela vinha passar férias com eles. Aos 14 anos, Bruna diz que decidiu sair de casa - gostaria de morar com os avós. Como sua mãe não permitiu, esperou quando pudesse fazer por conta própria e achou que fazer uma faculdade seria o caminho para sair de casa.

Mas, se dizer baiana não foi algo sempre definido na identidade de Bruna. Inclusive, no percurso das nossas entrevistas esse foi um aspecto que foi se alterando. No nosso primeiro encontro, quando pedi para que Bruna me contasse sua trajetória, na sua primeira frase ela mostrou o desconforto em dizer de onde é:

Pra mim é estranho falar “ah de onde você é e tal” porque eu sempre tive nos dois lugares, ainda que eu vivi bastante tempo na Bahia, pra mim é triste ter que dizer de onde eu sou porque eu sempre tive transitando, então... Sou natural de São Paulo mas minha família é nordestina, então... (Bruna, 2020, entrevista 1)

26 Nome fictício.

Ao longo dessa primeira conversa, ela foi desenvolvendo aos poucos o tema:

[...] Eu nunca tive uma relação de pertencimento com Conquista, eu sempre fiquei alheia lá, e aí quando eu vinha passar férias aqui... eu me sentia bem aqui mas aí as pessoas me colocavam como se eu fosse alheia aqui também, então não tinha um lugar sabe? Nunca teve, na verdade.

[...]

Eu enxergo com... às vezes eu aceito bem, às vezes é difícil de... ainda... eu tenho que me dar uma identidade própria, sabe? Porque assim, eu gosto de dizer que eu sou nordestina, porque eu sou realmente, mas ao mesmo tempo eu tenho uma relação com a cidade de São Paulo em que eu não me considero estranha, também, à cidade, entende? À cultura da cidade. Então às vezes eu aceito bem, às vezes não. Depende muito. Mas quando eu vou me afirmar para as pessoas hoje eu digo que sou baiana, nordestina, mas demorou pra eu me reafirmar de novo assim, era estranho, até pouco tempo atrás na verdade.

[...]

Porque eu não tinha me dado conta disso mesmo. Eu não tinha me dado conta de que eu pertencia a uma coisa muito maior assim, sabe? Que sei lá, que minha família era migrante... eu não sei porque eu nunca tinha percebido isso. Eu sempre achei que porque eu tinha nascido em São Paulo eu era paulista mesmo. Mas não. Não é porque eu nasci em São Paulo... eu tenho uma cultura baiana, meu sotaque é baiano, entendeu? E por que eu vou negar isso?

[...]

Acho que a Universidade me ajudou nisso, porque, sei lá, você vai lendo coisas e vai se identificando com as coisas, né? E, não sei, acho que a Universidade me deu, à medida que fui lendo e que fui conhecendo, sei lá, a proximidade com as pessoas, até com você assim, que não é tanto (a proximidade) mas eu sei que você também é nordestina, me fez resgatar isso de novo, sabe? Dizer assim 'eu tenho que dar atenção a isso porque... ao mesmo tempo também eu não sou daqui, eu sou de lá também'. (Ibidem)

Desses trechos, todos da primeira entrevista, é possível formular algumas considerações relevantes: a ideia inicial de uma identidade problemática construída no entre lugares entre São Paulo e a Bahia, a relação entre lugar de nascimento e identidade paulista antes vir morar em São Paulo, a ressignificação da identidade nordestina no contexto migratório e de estudo em São Paulo, problematizando a relação entre local de nascimento e identidade e estabelecendo elos entre cultura, redes familiares e identidade no processo migratório mais amplo de sua própria família.

Um ângulo importante para esta análise é que a própria trajetória migratória de Bruna a fez perceber que sua família já estava em uma trajetória migratória. Mesmo vivendo em trânsito Vitória da Conquista/São Paulo durante praticamente toda a sua vida, apenas depois de concretizar a mudança de fato, sendo ela mesma agente dessa mudança, ela passou a se enxergar como uma migrante e identificar esse aspecto de sua família.

Em relação a identidade, ela passa a se considerar baiana quando percebe que mesmo tendo nascido em São Paulo ela está inserida na “cultura baiana”, que mais a frente ela desenvolve como sendo o modo de se relacionar, a família, a comida e o sotaque.

Pensando os caminhos metodológicos propostos por Rosenthal, no segundo encontro com Bruna a sua relação com ambas as cidades, Vitória da Conquista e São Paulo, foi o enfoque maior da entrevista. Na primeira vez que conversamos e como é possível ver no trecho anteriormente destacado, Bruna diz que nunca teve uma relação de pertencimento a Conquista, mas que em São Paulo as pessoas a colocavam como “alheia” a este local. Aqui temos dois caminhos, a dimensão da autoidentificação, onde Bruna não se reconhece em Vitória da Conquista, e o aspecto da heteroidentificação em que as outras pessoas não enxergam Bruna como pertencente a São Paulo. E a partir do contato com a alteridade, ela passa a refletir sobre a própria identidade e busca entender o que a constitui como baiana ou paulistana.

[...] mas acho que é como tentavam me colocar, como o outro me via... mas eu acho... era do outro... porque agora eu digo que sou baiana e é isso. Acho que não sei, eu estou percebendo que de uns tempos pra cá eu não falo mais “eu sou os dois”. Porque eu não sei se eu falei isso com você, entendeu? Às vezes eu falo, mas de uns tempos pra cá eu não to fazendo mais isso. (Bruna, entrevista 2)²⁷

Apesar de levantar essa hipótese, ela não chegou a dizer em nenhum momento da primeira entrevista que de fato era “os dois. Na verdade, o que ela disse no primeiro momento foi que *sempre esteve* nos dois lugares (“*Pra mim é estranho falar “ah de onde você é e tal” porque eu sempre tive nos dois lugares*”). No entanto, foi justamente nessa segunda entrevista, ao final dela, que ela voltou a questão de poder se dizer dos dois lugares:

[...] não sei, acho que a questão de eu falar agora para você “sou baiana e tal é uma questão de orgulho de dizer mesmo, eu preciso colocar isso pra mim, entendeu? É importante para mim me colocar nesse espaço assim. Mas também não quer dizer que eu não seja os dois, o produto disso, entendeu? Não tem nenhum problema em eu querer também estar aqui. Ser parte daqui. Porque aqui também não é lugar de ninguém. Aqui também não é um lugar único. Assim, eu sempre penso em São Paulo como um lugar todo, de várias coisas, acho que, sei lá, qualquer um, não... aqui é muito específico pra ser assim, entendeu? Então, assim, é isso, eu sou baiana mas sei lá, eu posso ser os dois também se eu quiser. É só isso. Eu sou um produto disso, também. (Ibidem)

Fica claro aqui como essa questão ainda está sendo construída para Bruna à medida em que ela articula suas relações, seus novos conhecimentos, e até mesmo à medida em que fala sobre o assunto. Aqui fica evidenciado que a identidade envolve processos, relações,

²⁷ Entrevista concedida por NOVAIS, Bruna. Entrevista II. [março. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. Guarulhos, 2020.

situações sociais e políticas que muitas vezes apontam para sua multiplicidade e ambivalência (HALL, 2003).

Sobre os novos conhecimentos, a Universidade passa a ser o ponto chave na trajetória de Bruna quando esta, além de ter sido a forma que ela encontrou de mudar, enxergou as questões que lhe concernem de forma reflexiva, passou a olhar para a própria identidade de uma forma diferente. No seu processo identitário, Bruna articula conscientemente com os fatores externos. Ela tem consciência de que foi o outro que a colocou como diferente, e tem consciência que o ambiente universitário, tanto com as reflexões propostas quanto nas relações que dispôs, provocou nela a necessidade de observação de si e do grupo que passou a considerar pertencer - o de nordestinas.

Mas ao se colocar como nordestina, ela aponta:

[...] sempre quando digo que sou nordestina eu faço questão de dizer de onde que eu venho, para que as pessoas saibam que não é a mesma coisa, que cada lugar é diferente, que cada lugar tem sua pluralidade. Então acho que ser nordestina é ser muito plural, como qualquer outra região do país, mas é que nós, que a gente leva esse... ah sei lá, esse estereótipo assim, que, sei lá, dentro do próprio estado da Bahia... ser soteropolitano e ser conquistense é uma coisa muito diferente. Muitas pessoas de Salvador têm preconceito com as pessoas do interior, então se lá dentro é assim... se aqui em São Paulo é assim... porque que no Nordeste, porque que na Bahia, não tem que ser assim também?...Então acho que ser nordestino é ser plural e ter de identificar de onde você é. (Ibidem)

Nessa altura de nossa conversa, perguntei à Bruna se, então, ser nordestina a contemplava, e depois de uma pausa, ela disse que sim, mas como uma forma de se posicionar socialmente:

[...] mas eu digo no sentido, eu acho que a gente acabou se apropriando da ideia de Nordeste, né? Eu acho que a gente tem que dizer 'eu sou nordestina' por uma questão de convicção e de orgulho, mas também a gente tem que saber diferenciar, dizer que também somos plurais nessa ideia de Nordeste, dessa ideia de ser nordestino. (Ibidem)

Nos dois trechos anteriores, Bruna se aproxima de Albuquerque Júnior (2011) na sua tentativa de desnaturalizar a região, de chamar a atenção para as diferenças internas, e mostrar na sua afirmação uma disputa e não aceitação do discurso imposto pelo outro.

Esses relatos do estranhamento funcionam também no sentido de criar uma identidade para a região de quem fala, em oposição à área de que se fala. Inventam-se o paulista ou o nordestino, por exemplo, atentando para as diferenças entre o espaço do sujeito do discurso e o que ele está visitando, ao qual, quase sempre, se impõe

uma imagem e um texto homogêneo, não atentando para suas diferenças internas. Muitas vezes o que se descreve são aspectos, costumes encontrados em um Estado ou uma área que são apresentados e descritos como “costumes do Norte ou do Nordeste” ou “costumes de São Paulo”. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 54/55)

Os costumes sendo apresentados como específicos de uma região e motivos de diferenciação, aparecem na fala de Bruna em mais de uma conversa que tivemos. Na primeira vez, ela disse o seguinte:

Para me adaptar em São Paulo? Assim, eu nunca tive problema quanto a isso, porque eu sempre vivi na cidade, nunca foi uma coisa diferente pra mim, era estranho quando as pessoas me colocavam como diferente, como se pelo fato de eu ter me mudado, vindo pra cá... eu achava incômodo as pessoas terem esse estranhamento como se eu não soubesse das coisas. Mas a cidade em si, eu sempre me adaptei. (Bruna, 2020, entrevista 1)

No nosso segundo encontro, ela relatou um episódio que a incomodou ao tentar rememorar acontecimentos que a fazem refletir sobre os lugares que ocupam os estereótipos do nordestino:

Um colega também que, não sei, todo mundo sabe que eu sou de lá (Bahia), sabe? Que eu me mudei e tal. Ai ele falou assim “ah e o que você fazia lá?”. Como se lá não tivesse nada para fazer, como se nossa... eu não soubesse das coisas. “Ah, você jogava videogame?”, como se eu não soubesse o que era videogame! Assim, eu nunca tive videogame porque minha família sempre foi pobre, nunca teve dinheiro pra comprar, mas isso não é realidade diferente daqui, das pessoas pobres daqui. Mas é porque você é nordestino... você não sabe o que é um videogame... lá não tem coisa pra fazer... sabe? (Bruna, 2020, entrevista 2)

A partir desse relato de Bruna, fica mais claro o que Albuquerque Jr. fala sobre as relações de poder que produzem as concepções estereotipadas do que seria o nordestino.

Tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram este Nordeste e estes nordestinos. (ALBUQUERQUE JR. 2011, p. 31)

Para Avtar Brah (2011) as categorias de articulação não são necessariamente limitadoras, mas diferenciadoras. Da mesma forma, na realidade de Bruna as próprias categorias de articulação são colocadas em movimento. Em vez de limitante se deparar com essa produção imagética estereotipada, esse foi um dos fatores responsáveis para a problematização de sua identidade - o sentimento de fazer parte de algo coletivo, que faz parte de sua identidade, mas que vai além do indivíduo.

Assim que fala desse episódio, e de um outro onde uma outra colega evidenciou que desconhecia onde fica localizada a Bahia, ela diz porquê isso a incomodou:

[...] É o desconhecimento de um todo, eu acho. De mim também, mas não é uma coisa pessoal, individual, mas desconhecimento do coletivo, de todo mundo, de todos os baianos e de todos os nordestinos. Sei lá, assim, é meio que isso. Como você não conhece o seu país? Porque é isso... 'você é inferior então pra que eu vou conhecer? [...] Não que eu me senti inferior, não me senti. Mas...' (Bruna, 2020, entrevista 2.)

E assim como sua identidade de migrante está se construindo dentro da sua trajetória migratória, sua identidade de mulher baiana e nordestina, também. Ao se compreender como inserida em um processo de construção cultural específico, ela passou a demandar essa identidade.

Mas não existem identidades separadas, elas são, com estamos trabalhando ao longo de todo o trabalho, articuladas. Mas as categorias que Bruna passou a reivindicar a partir de sua trajetória migratória não estão separadas das categorias de Bruna de Vitória da Conquista. De Bruna que vivia, segundo ela mesma, *“em trânsito [...] se eu vou pra lá, eu sou daqui... se eu voltava pra cá, eu sou de lá”* (Ibidem).

O percurso de Bruna evoca algumas perguntas no que se refere a própria noção de trajetória migratória de Sánchez. Onde teria começado a trajetória dela? Talvez seja quase um reducionismo considerar que foi só em 2017, quando foi aprovada para ingressar no curso de História, na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Como já foi dito, seu desejo de mudança começou aos 14 anos, quando por problemas ligados à depressão e sem condições financeiras de realizar um tratamento adequado, sua mãe a trouxe para passar um curto período na casa dos avós, em Cidade Tiradentes, zona leste de São Paulo. Bruna gostaria de ter ficado morando com os avós, mas como não foi possível, disse que quando chegasse na maioridade realizaria esse desejo.

São Paulo, portanto, sempre foi o destino pretendido por ela. Além do bem estar associado à cidade, pela distância do que ela chama de problemas psicológicos e familiares - com um pai alcoólatra e brigas constantes entre ele e sua mãe, fazendo com que ela tivesse de “tomar um lado” - a razão era também prática: era onde ela tinha esses familiares (avós) e podia se estabelecer inicialmente, já que não tinha condições financeiras de morar sozinha.

Se o destino era certo, faltavam os meios. Ao cursar Ensino Médio em um Instituto Federal, ela disse ter visto a possibilidade da mudança se realizar por meio de um curso universitário, em uma Universidade pública de São Paulo. Não foi aprovada na primeira

tentativa, em 2016, mas conseguiu seu intuito no ano seguinte. Prestou Enem para História na Unifesp e realizou a mudança que planejava desde os 14 anos de idade.

Portanto, retomando a pergunta, onde a trajetória migratória de Bruna começou? Na sua mudança de fato? Aos 14 anos quando tomou sua decisão? Ou começou no trânsito em que sempre viveu desde criança, com o sentimento de pertencer a dois lugares?

As perguntas são provocações para reflexão, e explicitam a dificuldade em se conceituar experiências e trajetórias atravessadas por tantas singularidades e diferenças. Mas é importante salientar que pragmaticamente e de acordo com o acompanhamento teórico de Sánchez nesta pesquisa, fica notório que essa trajetória se inicia no deslocamento, mas é contínuo e abrange além do próprio percurso, o percurso da família que fica, também.

É interessante também perceber que Bruna realizou sua trajetória por meio dos estudos, e era justamente na escola onde ela disse que sentia ter mais autonomia, quando criança. Ao falar que não se identifica muito com a cidade de Vitória da Conquista, pelas características geográficas que ela diz não gostar, e pelas características da dinâmica social onde *“todo mundo cuida da vida de todo mundo”* (Ibidem), é na escola que ela associa uma emancipação desse lugar, e da realidade familiar - que é religiosa e ela, não.

No ano de 2009, com a criação do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), alunos que prestassem a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) poderiam se candidatar em universidades federais do país inteiro. Foi por meio do Sisu que, em 2017, Bruna foi aprovada para cursar História, no campus da Unifesp que fica localizado em Guarulhos (região metropolitana). Inicialmente, morou com os avós em Cidade Tiradentes, e posteriormente com o programa de auxílio permanência da Universidade, mudou-se e divide um apartamento, próximo ao campus em Guarulhos, com colegas de curso.

E tem sido no seu decurso na Universidade que Bruna tem se deparado com suas questões identitárias, que vem se afirmando crescentemente como baiana, ao mesmo tempo que reivindica o direito de, se quiser, ser também paulistana. Mas não de forma arbitrária, ao contrário, a partir da descoberta e conhecimento da própria história de vida e da história da coletividade a que diz pertencer.

E, como Bruna percebeu em um trecho da entrevista, São Paulo tem um grande contingente de migração (*“Eu sempre penso em São Paulo como um lugar todo, de várias coisas, acho que sei lá, qualquer um, não... aqui é muito específico pra ser assim, entendeu?”*). A cidade é, ainda hoje, o principal destino das migrações do Nordeste, ainda que

a migração de retorno também seja crescente nos últimos anos²⁸. Wilson Fusco levantou, inclusive, uma hipótese para esse fenômeno:

O que se verificou é que os fluxos entre as Regiões Metropolitanas em questão e o estado de São Paulo, principalmente sua capital, continuaram a predominar no cenário da década de 2000. Dada a antiguidade do movimento migratório entre o Nordeste e o Sudeste, pode-se considerar que as redes sociais formadas ao longo do tempo constituem um fator importante de direcionamento para os grupos que, desenraizados, decidem por destinos onde podem encontrar preciosos recursos que lhes facilitem a inserção social e econômica: um local de acolhimento temporário, informações sobre emprego e habitação, por exemplo, são alguns dos benefícios que um indivíduo considera no momento em que decide migrar e escolher o lugar a ir. (FUSCO, 2012, p.113)

E assim como Bruna, Roberta também não se identifica com a cidade onde vivia. Ambas são da Bahia, mas esta é natural de Itabuna. Da mesma maneira que Bruna, Roberta se mudou para São Paulo por meio do Sisu e para a Unifesp, só que em 2011 e para o curso de Ciências Sociais. Posteriormente, ela se transferiu para a USP, onde concluiu seu bacharelado.

Roberta Borges tem 29 anos de idade, e quando peço para que me fale sobre sua trajetória ela é sucinta, inicia o relato afirmando que veio sozinha (*“sem ninguém me trazer”*)²⁹, e demarca a partir do momento em que prestou vestibular, e conclui sua fala breve no momento em que pediu transferência para USP e se mudou para São Paulo (assim que chegou, morou em uma pensão em Guarulhos, região metropolitana).

Como Roberta fala com relatos breves, de uma forma bem objetiva, no nosso segundo encontro eu pedi para que ela contasse novamente sobre sua trajetória, para tentar identificar algo de novo que surgisse em um segundo relato. Com exceção do seu relacionamento, que dessa vez ela não incluiu em uma motivação para mudança, o restante foi bastante similar ao que ela contou na primeira vez em que conversamos. Um dos focos das perguntas foi também sua relação familiar, já que foi algo citado anteriormente como relevante na sua decisão para migrar. Inclusive, quando pergunto diretamente quais as razões específicas que a fizeram querer mudar, ela responde:

Acho que questões de relacionamento mesmo com a família. Por essas questões de separação de pais... e de luta, né, por condições, como eu falei minha mãe não tem muita condição, então isso acabava sendo um peso para minha vida, sabe? De ficar lutando, de ficar entre os dois, e isso sempre foi muito traumático pra mim, então sempre quis me afastar. Então eu acho que razão pessoal maior de eu querer sair de

28 BAENINGER, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações no século XXI. *Anais*, p. 1-21, 2016.

29 Entrevista concedida por BORGES, Roberta Cerqueira. Entrevista I. [jan. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. São Paulos, 2020.

lá é essa, em relação ao mau relacionamento que rolava entre todo mundo então eu quis vir embora [risos]. Relações chatas [risos]. (Roberta, entrevista 02)³⁰.

A sexualidade de Roberta também foi um assunto esclarecido na segunda entrevista. Como no primeiro encontro ela havia citado a esposa, nesse segundo perguntei se sua sexualidade tinha alguma relação com a mudança:

*De vir cá? Ah, com certeza, com certeza. De onde eu vim não é uma cidade que é muito aberta, que deixe eu viver minha vida do jeito que eu quiser, na minha, sabe? Que nem eu esperava que fosse em outro lugar. Então lá a cidade inteira sabe de todo mundo, então isso também influenciou eu sair de lá, óbvio né?
-E aqui você acha que consegue viver isso de forma mais tranquila?
-Acho que sim, cara, com certeza [risos]. Nunca tive nenhum problema com isso em São Paulo. Nenhum. Zero. Em relação a minha vida pessoal, sabe, em relação à família também” (Ibidem).*

Além da semelhança de serem do mesmo estado, tanto Bruna quanto Roberta falam do desejo desde muito cedo em se mudar da cidade onde viviam. As motivações de ambas são também semelhantes - “problemas familiares”, como elas chamam. Apesar das estruturas familiares terem se dado de forma diferente, os pais de Roberta são separados desde sua infância e os de Bruna ainda estão casados. Roberta é filha única, e Bruna tem dois irmãos. Mas as questões das duas chamaram a atenção pela proximidade - ambas se sentiam divididas com as brigas entre os pais e achavam que tinham responsabilidade em escolher “lados”, e as duas associaram a experiência em outro lugar, longe de Vitória da Conquista e de Itabuna, como uma melhor opção de se viver do que onde viviam. Ou de como viviam. E a vontade de sair das suas cidades foi concretizada por meio do vestibular e a possibilidade que ele trazia de aplicar para outras regiões do país.

Sempre foi minha paixão sair de lá. O maior desejo da minha vida era sair da minha cidade. Assim, eu sei lá, não via futuro lá, sabe? Eu também, quando eu era pequena, eu morei um ano no Rio Grande do Sul com meus tios, e aquilo, sabe, me fez não querer mais morar onde eu morava. [...] E sei lá, sabe, muitas questões pessoais também, tipo eu vivi alguns conflitos familiares, e quando eu viajava e ficava no Rio Grande do Sul com meus tios e etc, meio que eu saía daquela realidade, entendeu? (Roberta, 2020, entrevista 1³¹)

30 Entrevista concedida por BORGES, Roberta Cerqueira. Entrevista II. [maio. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. São Paulo, 2020.

31 Entrevista concedida por BORGES, Roberta Cerqueira. Entrevista I. [jan. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. São Paulo, 2020.

Mas São Paulo só se tornou uma opção para Roberta depois que criou um laço aqui - começou a namorar à distância, com a pessoa que hoje é sua esposa. Primeiro tentou um vestibular para Sergipe, estado vizinho da Bahia, e no ano seguinte São Paulo.

Como não conhecia ninguém além da até então namorada, o trabalho para Roberta tem a importância da criação de redes. Ela diz ter sido esse um ponto-chave na sua vivência em São Paulo, mas pelas pessoas e outras realidades que passou a conhecer, não pelo aspecto econômico. O curioso aqui é que mesmo estando desempregada há alguns meses, Roberta segue associando São Paulo a um lugar com “melhores oportunidades”.

Na sua família, os tios que mudaram para o Rio Grande do Sul são os únicos que migraram de estado. Segundo ela, nada mudou na dinâmica familiar daqueles que estão em Itabuna, ela estando lá ou não. Mas se na dinâmica das relações ela não identificou ainda nenhuma mudança, na estrutura - ainda que até esse momento ela não tivesse se dado conta - Roberta é a primeira da sua família, entre homens e mulheres, a se formar em um curso de Ensino Superior.

O assunto familiar é, inclusive, o mais difícil de ser acessado ao longo das conversas e entrevistas com ela. A desconexão com Itabuna parece também ser transferida à sua família (ou vice-versa) e os silêncios e respostas pragmáticas são frequentes. Já em relação a São Paulo, Roberta e Bruna mais uma vez se encontram em algum nível na forma de enxergar a cidade:

[...] me vejo, me coloco no lugar de fora daqui de São Paulo, mas também me vejo como parte integrante daqui de São Paulo. Porque eu não vejo como tendo os paulistanos e os migrantes, sabe? Eu acho que tem muita gente de muito lugar aqui em São Paulo.

[...] Aqui me sinto à vontade.

- E em Itabuna?

-Itabuna?! ah... nem um pouco. Ainda mais agora depois de tanto tempo que to longe de lá, pareço um extraterrestre quando volto. (Roberta, 2020, entrevista 1)

Mas ainda que não enxergue grandes diferenças entre paulistanos e migrantes, Roberta também procura reafirmar o fato de ser baiana em contraposição a perguntas se é nordestina:

Eu normalmente falo mais que sou baiana. entendeu? Não falo que sou nordestina. Eu não entendo esse conceito do nordestino, na verdade. [...] Foi sempre sobre a Bahia, sabe? É... Tanto que eu me coloco poucas vezes, “ah você nem tem sotaque nordestino”. “Não, é bem diferente”. (Ibidem)

Portanto, só quando, no discurso do outro, ela perde a singularidade de um aspecto de sua identidade, ela busca reivindicá-lo. Mesmo quando eu pergunto quais aspectos culturais da Bahia que ela tem para si, no que ela responde que “só comer acarajé [risos] (Ibidem)”.

Além das diferenças de dinâmica na cidade, como a velocidade das pessoas nas ruas, e das interações como cumprimentar estranhos ou dar passagem na calçada, Roberta não apresenta outras diferenças que a tenha posto em conflito na sua vivência de migrante. Uma suposição possível de levantar, é que não há nela, ou se há, ainda não foi identificado, um sentimento de temporalidade na sua migração. Até em Maria Edna, que também quis se mudar ainda muito jovem e criou todos os filhos em São Paulo, surge a possibilidade e o desejo de um dia retornar. E Bruna, que mesmo dizendo não voltar para Vitória da Conquista, enxerga a possibilidade de voltar para a Bahia. Para Roberta, é “melhor tá aqui passando pelas dificuldades do que voltar lá” (Ibidem). Essa suposição quanto ao sentimento de temporalidade pode ser reiterada com Lúcia, que também diz não ter tido dificuldade de adaptação a São Paulo. Com Maria Edna, a questão é um pouco mesclada. Ela não apresenta fatores relacionados a alguma dificuldade de adaptação, nem levanta diferenças entre São Paulo e Belo Campo, mas o quesito retorno apesar de ser algo que ela desejaria em um futuro, ela afasta essa possibilidade quando pensa na família que construiu aqui.

Com 53 anos, 7 filhos, 2 netos (e mais um a caminho), e vinda de uma família de 11 irmãos, Maria Edna personifica uma declaração de amor à São Paulo. Natural de Belo Campo, zona rural da Bahia, ela tem vários momentos de idas e vindas entre São Paulo e sua região. Na primeira vez, foi ainda criança com os pais morar em Guararema, um município do estado de São Paulo. Quando retornaram a Belo Campo, não foi mais para a zona rural, seus pais compraram uma casa na cidade. Sempre com o desejo de voltar para São Paulo, concluiu o magistério e dois anos depois, em 1990, mudou-se para a casa de uma irmã mais velha no litoral de São Paulo, que havia permanecido desde a época da primeira mudança. Em São Paulo, Maria Edna nunca exerceu o magistério, veio para trabalhar como doméstica e é esse o trabalho que realiza até então. Dos anos 1990 até hoje, teve dois retornos para a Bahia com o marido, também baiano mas que conheceu em São Paulo, e desde 2006 permanece na Brasilândia, periferia da zona oeste da capital.

Não sei se porque sempre encontrei pessoas, patrões maravilhosos, mas acho aqui mais fácil para criar eles (os filhos). Lá é maravilhoso mas não tem emprego para oferecer. Muita gente vem por isso, mas eu vim porque gosto de São Paulo mesmo. Lá tem emprego para professor mas eu não queria. Eu queria mesmo vir pra cá. Achava que era o melhor lugar. (Maria Edna, 2020, entrevista I³²)

32 Entrevista concedida por BRITO, Maria Edna Vieira de. Entrevista I. [maio. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. São Paulo/Guarulhos, 2020.

Portanto, Maria Edna que veio na década de 1990 não veio em busca de um emprego ou qualquer oportunidade em São Paulo, ela já tinha uma primeira formação, no magistério, exerceu por dois anos atividade de professora, mas queria voltar a morar em São Paulo e assim o fez. O emprego de doméstica foi o meio mais rápido por sua rede de contato, sua irmã, que já exercia essa atividade. Ela diz que pensava em depois fazer “alguma faculdade”, mas que casou e “acomodou”.

De todas as interlocutoras aqui descritas, Maria Edna é a única que quando perguntada sobre sua trajetória migratória, não a relaciona com estudo ou emprego. Inicia seu relato falando de sua família e o caminho deles que a levou pela primeira vez até São Paulo.

As questões na sua trajetória se confundem. Ora ela diz que em Belo Campo não tem trabalho ora ela diz que tem, mas que não queria para si o que o lugar tinha para oferecer - trabalhar como professora. Nesse aspecto, Maria Edna nos apresenta uma inversão do que é socialmente estabelecido como maior e menor prestígio, e prefere o que materialmente lhe proporciona maior vantagem e possibilidades na criação dos seus filhos. Segundo Fusco (2012), até a década de 1990 o serviço doméstico foi o que mais absorveu o contingente de mulheres migrantes.

Iniciei a abordagem da trajetória de Maria Edna fazendo referência ao seu amor por São Paulo, presente na maioria de suas falas. Ao contar sua trajetória, ela associa sempre seus retornos a esse gostar da cidade e aquilo que ela proporciona. Mas sem esquecer Bourdieu quando ele nos alerta sobre o perigo de dar às trajetórias de vida um sentido e direção certos, ao longo dos diálogos com Maria Edna é possível compreender que essa migração não era tão definitiva em sua trajetória quanto ela acreditava ser:

Adoro roça, cultura baiana, gosto de muita coisa de minha Bahia, pessoas, tudo. Gosto demais de lá. Da terra, dos animais. Eu gosto de São Paulo, eu amo São Paulo, mas se naquela época eu tivesse condições (financeiras) eu não vinha (sic) [...] Por mim, um dia voltaria”. (Maria Edna, 2020, entrevista 1)

Portanto, sua migração, ou pelo menos as condições de sua migração (como trabalho e, posteriormente, abandono da ideia de continuidade de estudos) está diretamente associada a suas condições econômicas ou, melhor e sociologicamente falando, à sua classe social. Não unicamente a isso, já que a categoria gênero na articulação da sua identidade e da sua trajetória também se faz presente principalmente nesse quesito dos estudos e da sua formação.

Maria Edna quando fala em possibilidade de retorno, refere-se ao lugar de sua origem carinhosamente como “minha Bahia”. A região é sua, mas sua casa é em São Paulo. Diferente

de Bruna e Camila que, espontaneamente, durante nossas conversas sempre se referem a Vitória da Conquista e a Maceió como “lá em casa”, mesmo Camila estando há oito anos em São Paulo, com emprego e relações estabelecidas.

Hoje com 32 anos, Camila migrou em 2012 de Recife, Pernambuco, para São Paulo. Ela é natural de Maceió, Alagoas, mas morou alguns anos na capital pernambucana para fazer faculdade antes de se mudar para São Paulo.

Graduada em Letras, veio para trabalhar em editoras, seu objetivo profissional. Entre as quatro, Camila é a única que é natural e residia em capitais - tanto Maceió (AL) quanto Recife (PE). Quando concluiu sua graduação, disse “*vou-me embora para São Paulo*”³³. Para ela, a questão profissional foi mais uma “desculpa” para se mudar - Camila gostaria de trabalhar em editoras, atividade que, segundo ela, era escassa em Recife à época da sua vinda. Em São Paulo, cursou uma pós-graduação na sua área e também entrou, assim que chegou, no mercado de trabalho que desejava: “*Não era, assim, o emprego dos sonhos, né? Eu achava que vinha pra São Paulo e que meu salário ia pelo menos aumentar, mentira! [risos]*”³⁴.

Buscou criar vínculos. Fez amigos logo no início que acredita ter sido importante na sua trajetória, tanto no momento de transição quanto na sua permanência em São Paulo. Quando perguntada sobre quem é, Camila se divide entre as Camilas de cada lugar. A de Maceió, a de Recife, a de São Paulo. Para ela, o que mais evidencia cada mudança dessas trajetórias é que suas relações passaram a ser mais “deliberadas”. Suas relações são vistas como escolhas, não acaso ou determinadas.

[...] porque era um lugar diferente, era um lugar grande. E foi por isso que eu quis ir pra Recife também, era um lugar fora, sabe? Eu queria sair. Queria sair de casa, queria ver as coisas, não sei, não sei o que eu achava, eu queria sair, ver o mundo, sair de casa. Então eu acho que talvez mesmo se tivesse (emprego em editoras em Recife), eu teria ido, sabe? Era mais uma desculpa, acho, o trabalho e tal. (Ibidem)

Sobre o que motivou sua mudança para São Paulo, Camila diz não ter nenhuma questão de repulsa com sua região, seja Maceió ou Recife, e também não apresentou conflitos familiares, como no caso de Bruna e Roberta. Segundo ela, foi apenas a curiosidade de viver em outro lugar, sair do que lhe é confortável. Por isso, na segunda conversa que tivemos concentrei nas perguntas referentes à sua decisão de migrar:

33 Entrevista concedida por LINS, Camila. Entrevista I. [jan. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. São Paulo, 2020

34 Ibidem

É... por que sair? Acho que pra ver coisas diferentes, pra conhecer pessoas diferentes, conhecer coisas diferentes, viver outras experiências fora desse lugar de conforto que é casa. E quando eu refiro muito a casa pra mim é esse lugar conhecido, de conforto, sei lá, seguro. Sabe? É... e eu, de alguma forma, acho que viver assim essa segurança o tempo inteiro me incomodava [...] e eu queria saber como é não estar naquele ambiente previsível assim, sabe? Queria ver como era aqui fora, sozinha. Enfim, era isso que eu queria ver. Agora porque continuar... não sei! [risos]. Eu acho que eu gosto do que eu encontre fora desse ambiente e da pessoa que eu me tornei, das conquistas que eu fiz longe desse ambiente seguro, eu me sinto orgulhosa disso. Talvez por isso que eu permaneça mas é bem difícil responder. (Camila, entrevista 02)³⁵

O lugar conhecido, de conforto, que Camila fala quando se refere a *casa* ao longo de todas as nossas conversas está afinado com o significado de *casa/lar* a que BraH se refere: “esta casa [*hogar*]³⁶ é um lugar que se mantém ligado a nós mesmos em momentos de intensa alienação. É a sensação de se sentir em casa” (BRAH, 2011, p. 26)³⁷.

A escolha de São Paulo não tinha razões prévias: não há nenhum familiar na cidade ou qualquer outra rede de proteção. Porém, as condições econômicas de Camila diferem das nossas outras interlocutoras. Não havia a necessidade de uma mudança para um lugar que lhe oferecesse suporte inicial e ela teve essa liberdade de escolha, e dentro dessa liberdade, São Paulo permaneceu como o principal destino de migrações do Nordeste.

Em São Paulo, agiu estrategicamente pensando no que seria necessário para que permanecesse, e acreditou que seriam os vínculos, e para isso dispensou um emprego que teria maior retorno financeiro em nome de um outro que seria fixo, e lhe traria mais possibilidade de relacionamentos na cidade.

Pensei, “ah quer saber eu vou pra ganhar menos, mas vai ser fixo, eu vou criar vínculos”, que é o que eu queria, eu só pensava nisso ‘preciso de vínculos, vínculos, vínculos. [...] Esses amigos da chegada são os únicos de São Paulo, o restante são todos nordestinos. (Ibidem)

“O restante são todos nordestinos”. Ao falar das relações de amizade, ela pondera nas diferenças e atribui a uma questão cultural, o que é possível identificarmos como diferença na forma de socialização.

[...] a gente vai se achando, muito doído. E não só pernambucano, alagoano, mas baiano também, enfim, e outros lugares. E gente que veio também depois, foi vindo

³⁵ Entrevista concedida por LINS, Camila. Entrevista II. [março. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. São Paulo, 2020

³⁶ Grifo meu

³⁷ “Este <Hogar> es un lugar que sigue ligado a nosotros incluso em momentos de intensa alienación del mismo. Es el sentimiento de <sentirse em casa>” (tradução livre)

foi vindo, e o que era uma galera totalmente dispersa hoje é uma galera, um grupo, meio que vira uma família assim, sabe? É um grupo que eu tenho de amigos bem constante, sabe? Meio que a gente vai de caravana pra todo canto, vai sempre em bando! E a maioria é nordestino, aí tem assim dois ou três paulistas, num grupo grande de nove pessoas, aí a gente fica brincando dizendo que é a cota. Mas aí tem um que é filho de baiano... dá uma misturada! Mas é mais difícil manter, eu acho, com o pessoal daqui.

-Por quê?

-Manter dessa forma, né, assim... porque eu acho que o que eles entendem por intimidade é diferente do que a gente entende. [...] Não sei... porque... o que eu sinto em relação às pessoas daqui é de que de alguma forma as relações sempre têm um grau de formalidade envolvida, sabe? [...] não sei, mas é alguma formalidade, alguns espaços, não sei, mas é diferente, eu sinto que essa coisa também do corpo, sabe? De abraçar [...]. Até nas fotos é diferente (risos), quando sai de galera, sai todo mundo um em cima do outro, nas fotos do paulista sai tudo meio que cada um no seu lugar. (Ibidem)

O mais relevante dessa observação é a unidade atribuída a formas de sociação e de sociabilidade (SIMMEL, 2006) dos nordestinos e dos paulistas. Camila, assim como Bruna e também Roberta, busca sempre demarcar as diferenças entre Maceió e Recife quando fala de sua própria trajetória, e as diferenças internas entre os nordestinos de diferentes lugares que compõem o seu grupo de amigos. Mas ao relatar as diferenças em relação a São Paulo, esses nordestinos passam a ocupar um lugar único, como se ora o Nordeste fosse uma invenção (ALBUQUERQUE JR, 2011), ora sua sociabilidade em um grupo de “nordestinos” produzisse elos muitos concretos de pertencimento regional.

Com exceção de Camila, nossas interlocutoras são de cidades do interior. Ainda que de diferentes tamanhos, nos discursos de ambas - Bruna e Roberta - a maneira como se dão as relações sociais das suas cidades é um fator que as incomodava. Portanto, ao mesmo tempo que evocam saudosamente algumas características de sociabilidade, elas também apontam como fatores relevantes no seu incômodo e justificativa em querer mudar. Quanto a este aspecto ‘blasé’ na cidade grande, Simmel aponta:

Se ao incessante contexto exterior com inúmeros seres humanos se houvesse de responder com outras tantas reações interiores, como acontece na pequena cidade, em que se conhecem quase todas as pessoas que se encontram e se tem com todas elas uma relação positiva, então surgiria uma total atomização interior e cair-se-ia numa situação anímica de todo inimaginável (SIMMEL, 2009, p. 10)

Na família de Camila, a única história de migração é de seus avós, que saíram do Norte para o Nordeste. Dentro da sua trajetória migratória, ela identifica muito mais mudanças na dinâmica estabelecida entre seus pais e sua irmã, a partir de sua mudança, do

que entre ela e eles. Mesmo sendo a irmã mais nova, Camila passou a ocupar uma posição familiar de mais independência do que a irmã mais velha.

É como se eu tivesse sido endossada pela vida para minha família. [...] Acho que ter saído de casa cedo e ter ficado geograficamente cada vez mais longe (primeiro Recife, depois São Paulo) moldou também a forma como a nossa relação foi (e vai) se construindo. (Camila, 2020, entrevista 3)³⁸

As motivações para ter escolhido São Paulo podem ser atribuídas a curiosidade de Camila e ao fator histórico já referido. Ela tem uma relação de muito pertencimento ao Nordeste, sobretudo Alagoas e Pernambuco, e não apresenta relações conflituosas com a família ou com algum aspecto de sua identidade. O lugar que chama de casa em todas as nossas conversas, é a casa dos seus pais em Maceió. Quando vai nas férias para lá, ela “*vai para casa*”³⁹, quando volta, volta apenas “*para São Paulo*”⁴⁰. Então, por que permanecer? Já que ela mesma diz que não há a necessidade do fator subsistência, mas que permanece “mesmo quando está ruim”, mesmo quando acha que vai “adoecer com a cidade”. Já que tem tanta saudade de viver em uma cidade onde haja mar, ou “*qualquer coisa viva... porque aqui tem rio mas não sei se dá pra chamar isso de vivo, porque afinal... então acho que isso muda a dinâmica das pessoas, a dinâmica da cidade, e isso eu sinto muita falta*”⁴¹. Talvez a resposta, para Camila, esteja no próprio fato de ser e se sentir migrante:

Que to aqui procurando nem sei o que, mas to procurando, não sei, me descobrir, descobrir novas coisas, novas pessoas, sou curiosa. [...] eu sou...eu sou uma... é... não sei, eu sou uma errante, uma andarilha. Que tá descobrindo assim... sem muito plano, sabe? Sem muito me planejar. [...] eu me sinto nesse lugar meio limbo... não sou daqui, mas daqui a pouco eu fico ‘será que vai ter uma hora que eu também vou achar que não sou de lá?’ Não sei... mas eu me sinto sempre como alguém de fora. [...] Ainda me sinto de lá. Mas percebo que quando eu observo... o atendente, o tempo de espera, a forma como o ambulante se movimenta na praia, aí me coloco num ponto de vista de observador e penso ‘porra, será que to me colocando fora daqui também? E eu vou ficar em que lugar, hein?’ Não sei, flutuando. Mas me sinto de lá, quando to lá me sinto à vontade, me sinto confortável, me sinto em casa. (Camila, 2020, entrevista 2)

38 Entrevista concedida por LINS, Camila. Entrevista III. [maio. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. São Paulo, 2020.

39 Entrevista concedida por LINS, Camila. Entrevista I. [jan. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. São Paulo, 2020

40 Ibidem

41 Entrevista concedida por LINS, Camila. Entrevista I. [jan. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. São Paulo, 2020

Quando fala desse ‘limbo’, em se sentir ‘flutuando’, é possível pensar essas reflexões de Camila por meio do entre-lugar de Homi Bhabha (1998). Apesar do autor está se referindo a questão do discurso pedagógico e performático da nação em contexto de heterogeneidade e tradução cultural em um mundo em movimentos múltiplos de pessoas, símbolos, objetos em contextos transnacionais etc., é possível pensar esta noção de entre lugares para abordar a experiência migratória de algumas interlocutoras desta pesquisa. Podemos, portanto, dizer que há um discurso pedagógico da região nordeste que acentua a homogeneidade, um território fixo do mapa, uma identidade única construída por meio de determinados estereótipos e discursos de afirmação positivada da identidade nordestina. Mas é possível também pensar em uma narrativa disruptiva, performática centrada nas trajetórias singulares das interlocutoras que apresentam um nordeste heterogêneo, formado por relações múltiplas que ligam e transbordam o espaço geográfico e se fazem presentes em São Paulo. Neste movimento migratório entre “lá” e “aqui” se constrói multi e translocalidades entre estes lugares.

Transpondo o conceito aqui, esse ‘limbo’ não é uma descoberta da individualidade de Camila em sua relação com o outro simplesmente, é justamente a articulação da heterogeneidade social dos espaços em que ela se insere e a heterogeneidade nas performances entendidas aqui como seus costumes, sua fala, em como ela produz e significa sua imagem.

E saindo um pouco do *lugar* em que Camila se pensa, voltamos à identidade que se mostra fluida frente aos aspectos culturais tão enfatizados por Stuart Hall, por exemplo. Para ele, em que a identidade não é rígida nem reduzida a dicotomias (eu/ele), ainda que construída na diferença, essa é “uma questão de “tornar-se”. Aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade” (HALL; WOODWARD. 2005, p. 29). E a trajetória em que Camila está inserida, a de migração, “produz identidades plurais” (Ibidem, p. 22).

2.3 Ser e se tornar nordestina em São Paulo (ou chamar lá de *casa* mas morar aqui)

-Você gosta de ser de fora?

-Eu gosto de ser de onde eu sou. Eu gosto de ser quem eu sou.

(Camila, 2020, entrevista 2)

De todas as trajetórias apresentadas, a de Bruna tem uma particularidade - ela é natural de São Paulo e se reconhece como baiana - portanto a análise dessa sua trajetória passa quase

sempre pela construção da sua identidade. Não há análise da trajetória de Bruna sem os levantamentos de seu processo de identidade. Dessa forma, ser e se tornar nordestina em São Paulo se aplica quase que de forma literal a Bruna. Nos trechos das suas entrevistas destacados no início do capítulo, vemos a sua reflexão e pertencimento sendo colocadas para si mesma a partir das suas experiências com o outro, nesse caso, o outro que ela não enxergava como *outro* até perceber que era vista e colocada nesse lugar. Hoje, Bruna encara a contradição de se sentir pertencente a um contexto social, baiana e conquistense, ao mesmo tempo que ainda enxerga São Paulo como sua possibilidade de ser, também. Nesse caso, sua identidade se construiria de outra forma se o destino de sua trajetória não tivesse sido São Paulo. É especificamente São Paulo que ela enxerga como “lugar de ninguém”, portanto seu, também.

A construção de Camila se dá por onde ela encontrou mais resistência e episódios que a fez passar a perceber sua diferença - o sotaque. Entre as quatro, Camila é a que mais apresenta sotaque característico do Nordeste, uma mescla cultural de Maceió e Recife que ignora quase que completamente os oito anos em São Paulo, a não ser quando é de propósito, segundo ela mesma diz, para evitar que a situação se prolongue em explicações sobre o que ela quis dizer. “[...] *Mas o T e D permanecem firmes e fortes. O vocabulário também é um pouco difícil, meo e mano jamais, não falo, e nem é porque eu digo ‘ah, não falo’ é porque simplesmente não pegou em mim, não entrou, não.*” (Camila, 2020, entrevista 2).

E à medida que conta sua trajetória, os episódios que a confrontaram por causa do seu sotaque são os que mais aparecem. Seja no trabalho, quando precisou fazer uma apresentação e uma colega orientou para que ela “mudasse o sotaque”, seja quando repetem o que ela fala, ou quando uma médica passou a destratar-la a partir do momento em que a ouviu falar.

E ai... fui meio que descobrindo essas coisas e fui entendendo que era importante manter algumas coisas, fui sentindo algumas... é não sei. é... gente que fala merda mermo, sabe? De ‘lá de cima’, você abre a boca e alguém já fala ‘hmmm esse sotaque’, parece que nem tá prestando atenção no que você tá dizendo, só tá ouvindo o sotaque. Você falou ‘minha mãe morreu’, e a pessoa ‘você é de onde?’ Assim... a informação se perdeu porque você tava prestando atenção como eu falo o meu D e o meu T...

[...]

Eu tendo a falar mais baixo, sabe? Falar menos? E percebo que eu não gosto de me ouvir quando estou nesses ambientes, sabe? Assim, eu falo e me escuto muito, na verdade. E eu percebo que à medida que eu vou ficando confortável nos lugares é quando eu falo e não me escuto. Sabe? (Ibidem)

É possível que ao se perceber, ao se escutar, Camila na posição de observadora em que se coloca, com consciência dos sinais diacríticos da sua fala, passa a utilizar isso como

afirmação. “Faço questão de reafirmar isso o tempo inteiro. Seja pelo sotaque, tentar ao máximo manter... falo muito de lá, da minha casa, da minha família, dos meus amigos, das coisas que como lá e não como aqui, faço questão.”⁴². Quando neste ponto ela falou em reafirmar esses aspectos, que ela já havia citado em entrevista anterior, questionei a Camila o porquê dessa reafirmação, que foi quando ela disse:

Reafirmar? Porque... as pessoas também estão sempre me lembrando que eu não sou daqui, e muitas vezes de uma forma ou pejorativa ou, sei lá, não sei de uma forma... eu quero dizer que eu me orgulho de onde eu venho, sabe? Faz parte de... não sei, pra me reafirmar mesmo, minha identidade... acho que é isso (Ibidem)

E demonstrando toda a complexidade que envolve a construção de uma identidade em um processo migratório, da sensação de pertencimento descoberto à medida em que se desloca e a depender da articulação das categorias que lhe são próprias.

Passei inclusive a gostar mais de tudo que era de lá, eu passei a gostar mais depois que vim pra cá. A real é essa. Da praia, da casa, da música, de tudo. [...] eu acho que sair me aproximou, sabe? Me aproximou de tudo. Questão de identidade me fez enxergar com mais perspectiva o que é que faz ser quem eu sou. Acho que nesse sentido me sinto mais próxima hoje do que quando morava lá, é muito doido isso. (Ibidem)

Os estereótipos imagéticos que Albuquerque Jr. discorre são corroborados pelo lugar a que se atribui, ainda hoje, ao nordestino. Mesmo que os dados econômicos e sociais tenham mudado ao longo dos anos, evidenciados nas diferentes motivações e possibilidades de mobilidade dessas mulheres, as mudanças não se deram ainda no campo do discurso e da disputa de poder que se dá por meio dele.

Gente que me julga ignorante porque eu sou nordestina. Tipo, você percebe mesmo, ou tá querendo ensinar ou me chama de desinformada. Eu passei isso com uma médica, que na hora que eu abri a boca ela mudou completamente a forma como ela estava se direcionando a mim. (Ibidem)

Mas Camila, além de ter tido a oportunidade de se confrontar com essas questões, devido a seus círculos profissionais e pessoais, não tinha nela anteriormente nenhuma recusa ou não pertencimento a Alagoas (e Pernambuco), como na fala inicial deste subcapítulo em que ela diz gostar de onde é. Dessa forma, esse pertencimento foi ampliado na alteridade. Já Roberta, que além do fato de ter nascido no estado da Bahia, e buscar se colocar como baiana quando a

42 Ibidem

colocam em um lugar que ela mesma desconhece, que é o de nordestina, não apresenta fatores de reivindicação de identidade ou reaproximação com questões culturais de Itabuna, da Bahia, ou do Nordeste de forma geral. É em Itabuna que ela se sente uma “*extraterrestre*”⁴³ quando retorna. São Paulo, para Roberta, nem sempre foi um lugar confortável, ela teve que se adaptar ao ritmo das pessoas nas ruas ou ao fato de se sentir triste com a impessoalidade das relações, mas é o lugar onde ela se sente em casa. Roberta não volta pra casa nas conversas que tivemos, ela volta para Itabuna.

Maria Edna até cita ocasiões em que ouviu coisas como “você não tem sotaque” ou “você não parece ser baiana”, mas que ela não considera como preconceito. Dessa forma, não é um motivo de incômodo ou reflexão sobre esse discurso. Maria Edna aos 53 anos pertence a uma geração diferente de Camila, Bruna e Roberta. Presenciou também diferentes momentos econômicos, políticos e culturais nesses trinta anos que a separam de Bruna, a mais nova entre elas. Para Maria Edna, talvez o preconceito e a discriminação estejam ligadas a discursos violentos ou explícitos, por exemplo. Ela fala com afetividade sobre a Bahia, mas a coloca em um lugar já muito distante de si. Gosta da comida, das “coisas da terra”, mas não vai muito além disso. Deste modo, fica ainda mais evidente o papel das múltiplas diferenças na construção das identidades.

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (DA SILVA, 2000, p.75)

Lúcia, tem 59 anos, pertence a mesma geração que Maria Edna, e o tom das nossas conversas têm muita semelhança. As duas referem-se a São Paulo com sentimento de gratidão e fazem questão de frisar que nunca passaram por episódios de preconceito, ambas reagindo inclusive de forma um pouco ostensiva quando perguntadas sobre a possibilidade de algum episódio com conotação de preconceito.

⁴³ Entrevista concedida por BORGES, Roberta Cerqueira. Entrevista I. [jan. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. São Paulo, 2020.

Lúcia atribuiu toda a sua trajetória do ponto de vista do trabalho e da família. O trabalho, inclusive, é o ponto que ela evoca ao falar da confiança que passa por “não ter medo do trabalho”⁴⁴.

Eu sou uma mulher independente, não dependo de ninguém, sou solteira, dependo do meu trabalho, e quando eu fiquei desempregada eu tive ajuda mas também tive como me manter. Meu trabalho lá no posto é de frentista e fico no caixa. Antes de trabalhar nesses dois postos que lhe falei, eu trabalhei na minha cidade também no posto. Não tenho preconceito com nada, não tenho preconceito como lhe falei porque sou nordestina, nunca ninguém duvidou de mim, da minha palavra, da minha competência. (Lúcia, 2020, entrevista 2)⁴⁵

Os dois postos aos quais ela se refere, são o primeiro lugar que ela trabalhou, que foi em um posto de gasolina em Guarulhos enquanto morava em Parada de Taipas, bairro de São Paulo. O segundo é onde ela trabalha até hoje, na Penha, zona leste da capital. Essa visão atribuída pelo trabalho presente nas falas de Lúcia evoca novamente Sayad a esse lugar no qual é colocado o imigrante, como se sua trajetória precisasse ser justificada por meio do trabalho.

E na seguinte fala, podemos ver também presente os estereótipos, questão levantada por Albuquerque Junior: “*Eu me sinto, sim, uma mulher nordestina, tenho orgulho de ser nordestina, porque as nordestinas não têm preguiça de trabalho, de encarar o trabalho, eu me sinto sim como nordestina, paraibana, não nego a ninguém*” (Lúcia, 2020, entrevista 1).

Ao falar que nordestinas “não têm preguiça de trabalho”, Lúcia mostra assimilação do discurso de ‘mulher forte’ atribuído à mulher nordestina. Discurso esse que traz carregado consigo a posição que essa mulher foi colocada, desde a ligação com sua origem, supostamente difícil, onde precisa ser ‘forte’, ‘batalhadora’, ‘resiliente’, até a ligação com os lugares ocupados na sociedade a qual essa mulher passou a integrar – sobretudo mão-de-obra, força de trabalho.

Lúcia é natural de Sumé, na Paraíba, cidade que tem cerca de 17 mil habitantes segundo o último censo do IBGE, mesma quantidade populacional de Belo Campo, a cidade natal de Maria Edna. Então, além de faixa-etária próximas, Lúcia e Maria Edna vieram de uma configuração de cidades semelhantes, inclusive ambas com origem na zona rural de suas regiões. Mas quanto ao quesito ‘retorno’, Lúcia é categórica: “*Gosto muito do que faço, não*

44 Entrevista concedida por Lúcia. Entrevista I. [agosto. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. Guarulhos, 2020.

45 Entrevista concedida por Lúcia. Entrevista II. [agosto. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. Guarulhos, 2020.

tenho vontade de morar em Sumé, na minha cidade natal, só a passeio. Tenho dois irmãos que moram lá e eu pretendo ir ano que vem”⁴⁶ Ao longo dessa e das conversas seguintes ela reiterou que não há possibilidade de desejo de voltar a Sumé ou mudar de cidade. Hoje Lúcia mora em Guarulhos, onde estabeleceu vínculos familiares com sua irmã - que migrou primeiro e com quem Lúcia veio morar no início de sua trajetória migratória - e sobrinhos.

Mas a falta de desejo de um retorno à terra natal não significa, no caso dela, alguma rejeição com o lugar de onde veio. Lúcia se dirige com carinho à Sumé, mas deixa claro que virou um lugar onde só vai a passeio. E frente à pergunta de que se enxerga como nordestina, ela responde: *“Então eu sou o que eu sou mesmo; Não é porque eu to aqui em São Paulo que eu vou querer ser paulista, eu não sou paulista, eu sou nordestina mesmo, e com todo orgulho eu encaro em qualquer lugar*”⁴⁷. Nesse ponto, é possível retomar Sánchez em um trecho já citado neste trabalho, quando ela fala sobre o “recorte analítico da biografia e da experiência migratória” (PERES, 2014. p.10) captando as transformações nas diferentes esferas da vida social, inclusive as mudanças nas gerações. Logo, a problematização da categoria nordestina não é uma questão para Lúcia ou Maria Edna.

2.4 Migrante tem gênero (gênero, raça e sexualidade)

Como foi expresso na introdução deste trabalho, migrante não é uma categoria neutra. É a partir do primeiro recorte dessa pesquisa, o gênero, que as outras categorias de articulação passam a ser consideradas - não como medida de importância ou relevância, mas de que forma todas as outras categorias se articulam a partir do gênero em questão. E, aqui, como essa articulação se dá na trajetória migratória.

O aspecto do sotaque presente em Camila, como forte marcador na construção da sua identidade na trajetória em São Paulo, pode ser considerado que é em parte pelas situações de inibição ou constrangimento vividas a partir dele. Mas, a própria Camila levanta a possibilidade e o questionamento de como se dariam essas relações se, por exemplo, ela não fosse uma mulher:

E muitas vezes, principalmente quando esses comentários vêm de homem, eu me pergunto se eu fosse um cara se fariam esse tipo de pergunta desse jeito, eu não sei... se dessa forma, se sempre com jeito de tirando uma gracinha, sabe? Tem um outro cara no meu trabalho que sempre tira uma gracinha com meu sotaque, ou coisa da cultura ‘ah frevo não sei o que’. Enfim, um saco, e essas questões acho que

46 Ibidem

47 Ibidem

tem total a ver com minha identidade... mulher, nordestina. (Camila, 2020, entrevista 2)

A questão levantada por Camila não é uma suposição sem fundamento. Segundo pesquisa⁴⁸ realizada por Tonja Jacobi e Dylan Schweers, as mulheres são interrompidas três vezes mais que os homens, por exemplo. Nessa pesquisa, elas apontam que as interrupções tem muito menos a ver com idade ou qualquer outra questão, e muito mais a ver com o gênero. Dessa forma, o fato de Camila ser, além de nordestina, uma mulher, é o fator substancial na sua trajetória migratória e consequente construção de identidade. Da mesma forma que Maria Edna, mesmo que não traga o assunto de maneira articulada, atribui ao casamento um dos motivos que a fez parar com os estudos. É imprescindível lembrar que Maria Edna tem 53 anos e está inserida em outro contexto de experiências de gênero na sociedade.

To pensando numa questão de trabalho mesmo. É... a experiência que minha avó teve, que minha mãe teve, que minhas tias tiveram, pelo fato de serem sempre mulheres domésticas, largando filho lá pra vir pra cá, sabe? Abandonada pelo marido no caso da minha avó, tipo... minha mãe também tendo que submeter a coisas horríveis no trabalho me deixando sozinha quando era criança, sozinha no sentido... me deixando com outras pessoas cuidando de mim, ou sei lá, eu ficar... já aconteceu de eu ficar um mês sem eu ver minha mãe porque ela trabalhava em shopping assim... eu não sei, eu acho que eu penso muito como a mulher nordestina muitas vezes nesse quesito do trabalho... sendo explorada aqui se ela não tiver uma formação, entendeu? No caso da minha família, da minha avó, da minha mãe, das minhas tias, que... não tiveram, sei lá, um Ensino Superior que pudesse contemplá-las em um lugar melhor pra trabalhar e tudo mais assim. E o cuidado... essa coisa do cuidado... (Bruna, 2020, entrevista 2)

Dessa fala de Bruna é possível levantar alguns pontos. Ela lembra a jornada exaustiva de trabalho da sua mãe, e isso está implicado pela realidade dos dados em relação ao mercado de trabalho e as mulheres. Segundo dados⁴⁹ do IBGE⁵⁰, no Brasil as mulheres trabalham cerca de 73% a mais de horas em afazeres domésticos do que os homens, e realizam a chamada jornada dupla. No Nordeste, o número sobe para 80%.

No caso de Bruna, além do gênero, ela se diz uma mulher que se descobriu uma mulher preta. O assunto não é discutido ou apropriado pela sua família, que ela diz que apesar de considerá-las mulheres pretas, não é assim que elas se enxergam, mas é assim que Bruna passou a se entender. Negra de uma pele clara, ao apontar os lugares ocupados historicamente

48 JACOBI, Tonja; SCHWEERS, Dylan. Justice, interrupted: The effect of gender, ideology, and seniority at Supreme Court oral arguments. *Virginia Law Review*, p. 1379-1485, 2017.

49 DE GÊNERO, IBGE Estatísticas. Indicadores sociais das mulheres no Brasil. *Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica*, nº38, 2018

50 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

pelas mulheres de sua família, ela também aponta os lugares ocupados historicamente pelas mulheres negras. Negras e nordestinas. Que é o lugar ocupado por Maria Edna, também uma mulher negra.

A dimensão educacional também revela a grande desigualdade existente entre as mulheres, segundo sua cor ou raça: 23,5% das mulheres brancas têm ensino superior completo, um percentual 2,3 vezes maior que o de mulheres pretas ou pardas (10,4%) que concluíram esse nível de ensino. (IBGE, 2018⁵¹)

Na última frase do trecho destacado da sua entrevista, Bruna cita o cuidado relacionado ao gênero, e além das estatísticas apresentadas no estudo citado do IBGE, de que as mulheres pretas ou pardas são as que mais se dedicam aos cuidados de pessoas e afazeres domésticos, José Miguel Nieto Olivar, em seu artigo *Gênero, cuidado e a reconfiguração da fronteira... fronteiras, fronteiras!* (2019), apontou:

Pesquisas sobre “cuidado” [care] tem se preocupado com os “trabalhos e mercados do cuidado”, com as economias globais do *care*, e costumam estar marcadas por gênero (feminino). A literatura sobre *trabalho do cuidado* tem sido produzida no marco de preocupações feministas e de gênero com as dimensões simbólicas, econômicas, políticas e jurídicas de tais trabalhos nas vidas das mulheres (principalmente cuidadoras pobres, racializadas ou do sul global) e no marco de relações transnacionais (OLIVAR, 2019, p. 563).

Das quatro mulheres dessa pesquisa, Roberta é a única mulher lésbica. Camila é bissexual, mas sua sexualidade não apareceu durante as entrevistas como um fator preponderante. Rememorando Gabriela Rosenthal, os silêncios devem também ser investigados, mas até a elaboração do presente trabalho, não chegamos, pesquisadora e Camila, no desenvolvimento dessa categoria de articulação na produção narrativa de sua identidade.

Mas para Roberta, poder viver sua vida afetiva e sexual de maneira livre tem demasiada importância no seu desejo de migrar, e migrar para uma cidade com as características de São Paulo, onde ela diz ter sua privacidade.

Camila, Roberta e Lúcia são mulheres brancas. Mas Roberta apresenta um incômodo ao se declarar assim. Ela diz que socialmente é lida como branca, mas que a categoria pode invisibilizar, de alguma forma, sua trajetória como mulher nordestina, que não conhece

⁵¹<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho> - acessado em 12/09/2020

exatamente sua origem étnica. Dessa forma, Roberta se sente mais confortável na classificação parda, mas no que diz respeito a ações afirmativas, por exemplo, ela se coloca como uma mulher branca, porque diz levar em consideração que não tem o estigma social de uma mulher com a pele escura.

-E o que é o pardo para você?

-Ah... não sei (rs) não sei, cara, acho que... não sei, não sei mesmo. Acho que é uma forma de eu contribuir, não sei, socialmente... pra estatística, porque eu também não me identifico como negra, entendeu? Então aí eu acho que o pardo entra pra categoria...

-Tua família é negra, tem pessoas negras na família?

-Não, acho que não diretamente... que eu lembre. Que eu reconheça. Meus pais não, nem meus avós. Meu avô era um pouco, sei lá... não sei.

-Tem alguma outra etnia?

-Então, era isso que eu tava pensando, que meu avô talvez tivesse uma coisa meio com indígena, sabe? Tava pensando nisso... assim. Família é muito... mesmo que tivesse, sabe? Capaz de eu nem saber, capaz deles esconderem parente, é sério. Eu cresci na Bahia e não sei nada de... eu fui aprender essas coisas de Umbanda aqui em São Paulo.

[...]

Acho que minha hesitação na resposta acho que já mostrou meu incômodo, né, de falar que eu me coloco como branca às vezes, com certeza existe. Existe porque eu acho que, é isso né, eu escolho me colocar pelas questões sociais... eu sou nordestina, não sei direito as origens da minha família, então talvez tenham pessoas negras também além da nossa mistura direta. Então... mesmo assim eu me coloco como branca, então é difícil, é um incômodo, apesar (sic) de ser nordestina. (Roberta, entrevista 2)⁵²

Portanto, para Roberta, a forma como ela é lida socialmente não se encaixa tão somente na categoria de uma mulher branca. Para ela, se colocar como branca é, de alguma forma, invisibilizar sua trajetória de nordestina que não conhece as próprias origens. Mas na falta de algum outro termo que a contemple, ela entende que parda poderia distingui-la.

A questão do pardo no Brasil circunscreve algumas problemáticas. É um debate amplo e complexo tendo em vista a configuração social, econômica e política do país. Luiz Augusto Campos⁵³, em artigo intitulado “O pardo como dilema político” (2013) traz um panorama histórico da utilização do termo e sua inserção, por vezes descontinuada, nos censos do IBGE ao longo dos anos, desde a sua criação até o mais recente realizado em 2010. Como consequência de pesquisas nas Ciências Sociais sobre as desigualdades de raça no país e da articulação do Movimento Negro ao instrumentalizar esses dados antes inexistentes - e em

⁵² Entrevista concedida por BORGES, Roberta Cerqueira. Entrevista II. [maio. 2020]. Entrevistadora: Larissa Lima de Freitas. São Paulo, 2020.

⁵³ Cientista político

grande parte responsáveis pelas subsequentes políticas de ações afirmativas - o termo pardo entrou na pauta de discussões tanto dos cientistas sociais quanto dos ativistas.

A confusão de Roberta ao tentar articular o assunto não é despropositada. Há divergências sobre o termo e sua utilização tanto social quanto política, inclusive nas categorias de raça adotadas pelas diferentes universidades do país para implementação do sistema de cotas. Algumas adotam a separação de brancos, pretos e pardos, como três categorias diferentes. Outras, utilizam a categorização difundida por ativistas, que é a de brancos e negros. Negros, aqui, abarcando tanto quem se declara preto quanto quem se declara pardo.

“Tudo isso parece confirmar o diagnóstico de Eduardo Oliveira e Oliveira (1974): o mestiço⁵⁴ é o principal “obstáculo epistemológico” para a compreensão das relações sociais brasileiras” (CAMPOS, 2013, p.82).

Esse levantamento trazido por meio do texto de Campos é significativo para entendermos a questão trazida por Roberta. Em uma sociedade miscigenada, por mais que as categorias de classificação partam de um lugar de disputa social e política, as questões de raça não são possíveis de serem simplificadas em conclusões definitivas. A começar, Roberta não conhece sua origem, sendo esse seu primeiro incômodo em se encaixar apenas fenotipicamente como branca. Posteriormente, inserida em uma trajetória migratória, ela nota que branca também não abarca sua experiência de nordestina em São Paulo, somando mais um incômodo.

Deste modo, observando algumas das principais interseccionalidades da identidade de Roberta que, como ela mesma falou, passou a conhecer sobre questões religiosas de matriz africana em São Paulo, buscando algo relacionado a sua origem depois de estar geograficamente longe dela, que acredita viver de forma mais livre sua sexualidade e consegue acessar territórios culturais proporcionados pela vivência na Universidade em que está inserida, não é surpreendente que das nossas interlocutoras ela é a que mais associou pertencimento à sua trajetória em São Paulo.

⁵⁴ Termo que por influência da eugenia já foi utilizado na classificação do IBGE para substituição de pardo. Ver em: CAMPOS, Luiz Augusto. O pardo como dilema político. **Insight Inteligência**, v. 62, p. 80-91, 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do que já foi trazido nas entrevistas e preliminarmente analisado, é admissível algumas considerações dentro dos objetivos da pesquisa.

Bruna e Roberta, que têm condições socioeconômicas similares, apresentam também aspectos em comum nas suas motivações para migrar para São Paulo - problemas familiares e falta de identificação com suas respectivas cidades natais. As duas, ainda, utilizaram os estudos como forma que possibilitasse suas mudanças.

É notável também que ambas, que não sentiam que suas identidades pertenciam a Vitória da Conquista e Itabuna, sejam justamente as que enxergam São Paulo como um lugar que também pertence a elas. Porém, dentro da sua trajetória, Bruna se entendeu como uma mulher migrante e baiana, ainda que também recorra a seu pertencimento a São Paulo. Já Roberta, não corresponde ao sentimento de temporalidade que acompanha o migrante que Sayad nos caracterizou - ela, assim como Lúcia, não apresenta nenhum plano ou sequer desejo de retorno. Também não assimilou uma versão idealizada da sua terra que a distância e a diferença muitas vezes proporcionam. Apesar da complexidade da trajetória de Bruna, a identidade de Roberta, até então, é a que proporciona mais desafios na busca de entender a identidade inserida na trajetória migratória. Uma hipótese em relação a Roberta é quando ela articula sua sexualidade - vivida de forma plena em São Paulo - e a relação nebulosa que possui com sua família, desconhecendo até mesmo sua própria origem étnica e esse se mostrando um fator de grande incômodo para ela.

Camila, ao contrário das outras três, sempre morou em capitais. Recife e Maceió já apresentam consideráveis diferenças nas suas dimensões geográficas e socioeconômicas, mas são as capitais dos seus respectivos estados, portanto o seu contexto de experiência já é completamente diferente de Bruna, Roberta, Maria Edna e Lúcia. Camila também apresenta uma outra realidade econômica, ela não precisava estar inicialmente associada a uma rede de contatos, a um trabalho ou ter o pretexto do estudo - ela havia se formado no Ensino Superior. Camila também já realizava uma trajetória migratória, ainda que com características completamente diversas da que é migrar para São Paulo, mas ela não vivia mais na cidade em que nasceu, nem na casa dos pais. Assim, quando ela diz que sua motivação era a curiosidade, a vontade de viver longe da sua zona de conforto, de abrir os horizontes que, segundo ela, “em Maceió são muito estreitos”, não é um arbítrio surpreendente - Camila responde ao seu

contexto social e político, que a descoberta de horizonte para uma mulher é um horizonte muito mais possível do que aquele reservado a Maria Edna, por exemplo.

Maria Edna que sempre quis voltar para São Paulo, escolher sua trajetória que houvera sido escolhida por outros, primeiro quando foi levada para São Paulo pelos pais, e depois quando foi levada de volta para Belo Campo. Não era a cidade de São Paulo que ela tinha em mente e nas memórias de criança, mas era a região que ela associava como o melhor lugar para se viver, que daria oportunidades que não eram as de professora de magistério, que ela rejeitava. As oportunidades, de fato, existiram, Maria Edna nunca ficou desempregada nos seus anos e suas idas e vindas, entre Bahia e São Paulo. Diferente de Roberta, que em todo o processo da pesquisa segue desempregada mas em todas as suas falas em relação a São Paulo associa a cidade como um lugar de maiores oportunidades. Talvez a oportunidade a que Roberta se refira não seja necessariamente o trabalho, subvertendo mais uma vez a ideia de Sayad, do migrante relacionado ao trabalho.

“Não que a agenda tá cheia, mas as pessoas se colocam como indisponíveis”, disse Camila quando se referia a dinâmica das relações em São Paulo. As diferenças na forma de socialização apareceu nos diálogos de Camila, Bruna e Roberta. Ainda que tenham sido elas mesmas socializadas de formas diferentes, que sejam de estados diferentes do Nordeste - Camila de Alagoas, Bruna e Roberta da Bahia - a relação com a casa, a criação de vínculos e a forma de se comunicar verbal e corporalmente foram aspectos fortes na adaptação das três. E esse aspecto é o que mais une a característica associada ao Nordeste - todas elas admitem que a região é em certa parte *ficção* (nos termos de Albuquerque Jr.), mas em outra parte há algo que une quem se acomoda embaixo do guarda-chuva denominado Nordeste. Para essas três, a forma de se relacionar é diferente - de enxergar o desconhecido, de tocar, fisicamente, em alguém e de frequentar a casa das pessoas que conhece - para citar o que foi levantado por elas.

A única que não associa sua trajetória a alguma justificativa como estudo e trabalho, é Maria Edna. Mesmo Camila, que admite que o emprego foi uma “desculpa” para sua mudança, quando relata sua trajetória utiliza esse marcador de tempo - final de sua graduação e o tipo de emprego que gostaria. Apesar do trabalho ser um fator de destaque na trajetória de Maria Edna, ele é o meio pelo qual a faz permanecer em São Paulo, que é o destino que ela sempre buscou. Já para Bruna, Roberta e Camila, São Paulo é o lugar que encontraram para ser possível concretizar seus desejos de estudo, trabalho, ou buscas de descobertas pessoais. Ou apenas desejo de mudança para onde sua irmã inicialmente já tinha ido como foi o caso de

Lúcia. Para Edna, o trabalho é o meio e São Paulo o fim. Para as demais, São Paulo é o meio para seus fins.

À vista disso, foi possível, ainda que preliminarmente, observar como a construção da identidade na trajetória migratória - lugar comum a todas elas - se dá quando perpassamos as diferentes interseccionalidades dessas mulheres, e como as identidades respondem a esses fatores. Sejam esses fatores suas posições de classe, suas gerações, suas cores, suas sexualidades, seja o contexto social, político e econômico que migraram ou seja, ainda, suas relações familiares, vínculos estabelecidos e questões enfrentadas no momento da diferença. Bruna, Maria Edna e Lúcia vivem nas periferias da cidade de São Paulo ou da região metropolitana. Camila e Roberta em regiões centrais da capital paulista. Bruna tem uma situação socioeconômica muito diferente de Camila mas, em São Paulo, na sua rede e nas possibilidades que a Universidade que cursou ofereceu, foi a exceção à regra de todas elas: as de situação socioeconômica inferiores permaneceram nas regiões periféricas de São Paulo.

Dessa forma, ao articular as experiências e relações sociais dessas mulheres, foi possível perceber a diferença como identidade marcada por essas posições que as constituem. Quando Avtar Brah fala da diferença como o lugar da formação do sujeito, referindo-se à diferença como experiência, ela fala naquilo que é culturalmente construído, que interpreta a realidade e é interpretado ao mesmo tempo, tão evidente nas falas, principalmente, de Camila e Bruna, nas suas relações com o outro que impõe discursos que salientam suas diferenças, e essa diferença que elas passam a reivindicar e se colocar, atribuindo isso a suas identidades. Essas atribuições, essa fluidez, só é possível porque Brah não entende a identidade como algo estático, assim como Hall, que entende o aspecto cambiante da identidade por meio da ênfase na cultura e na “produção dos significados que permeiam todas as relações sociais” (HALL; WOODWARD. 2005, p.18).

A heterogeneidade destas trajetórias e as múltiplas formas de identidades e processo de formação foram expressas nas suas relações sociais – inclusive nas que antecedem a trajetória migratória, como as relações familiares - nas relações culturais e econômicas de cada uma delas, assim como nas possibilidades simbólicas de apropriação e adaptação ao novo lugar em que se encontram e de reivindicação do lugar que migrou – como o sotaque de Camila que se solidifica cada vez mais a medida que é contestado ou reconhecido, assim como a baianidade redescoberta e auto afirmada de Bruna.

Quanto ao mais, o tema desta pesquisa é um assunto que pode se prolongar em outros trabalhos e pesquisas científicas. Mas com a ajuda dessas cinco mulheres e suas histórias de vida foi possível elucidar e trazer luz a algumas questões que, espero, contribuam para os

estudos de migração, os estudos de gênero, e a utilização da história de vida como metodologia a ser considerada cada vez mais nos estudos sociológicos. Já que, como disse Simmel, “a nossa tarefa não é acusar ou perdoar, mas tão só compreender” (Simmel, 2009, p.19).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Ed. Cortez, 2011.
- ALENCAR-RODRIGUES, Roberta de; STREY, Marlene Neves; ESPINOSA, Leonor Cantera. Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 421-430, 2009.
- BAENINGER, Rosana. Fases e faces da migração em São Paulo. **Núcleo de Estudos de População (NEPO)-UNICAMP**, 2013.
- BAENINGER, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações no século XXI. **Anais**, p. 1-21, 2016.
- BELCHIOR. **Conheço o meu lugar**. Warner Records, 1979.
- BRAH, Avtar. **Cartografías de la diáspora: identidades en cuestión**. Traficantes de sueños, 2011
- BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. Paris, 1986. **AMADO. J; FERREIRA, MM Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1986.
- BOURDIEU, Pierre et al. Compreender. **La miseria del mundo**, p. 527-543, 1999.
- CAMPOS, Luiz Augusto. O pardo como dilema político. **Insight Inteligência**, v. 62, p. 80-91, 2013.
- DA SILVA, Tomaz Tadeu et al. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.
- DE GÊNERO, IBGE Estatísticas. Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica, nº38**, 2018
- ESCUADERO, Camila. O protagonismo de mulheres imigrantes na construção de redes sociais para o fortalecimento identitário: o caso das Brasileiras em Chicago (EUA). **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 24, n. 48, p. 179-196, 2016.
- FUSCO, Wilson. Regiões Metropolitanas do Nordeste: origens, destinos e retornos de migrantes. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 20, n. 39, 2012.
- HALL, Stuart; SOVIK, Livia. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG. Humanitas, 2003.
- HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Editora Vozes, 2005.

BHABHA, Homi K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. **O local da cultura**, p. 199-238, Editora UFMG Belo Horizonte, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho. Agência IBGE de Notícias. 07/03/2018. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho>>. Acesso em 12/03/2020.

JACOBI, Tonja; SCHWEERS, Dylan. Justice, interrupted: The effect of gender, ideology, and seniority at Supreme Court oral arguments. **Virginia Law Review**, p. 1379-1485, 2017

MARTINE, George. Os dados censitários sobre migrações internas: evolução e utilização. **Anais**, v. 1, n. 4, p. 1015-1047, 2016.

MELO, Alberto da Cunha. **Cantos dos emigrantes**. Cordel do Fogo Encantado. Trama, 2006.

OLIVAR, José Miguel Nieto. Gênero, cuidado e a reconfiguração da fronteira...fronteiras, *fronteiras!*. **Revista de @ntropologia da UFSCar**. Vol. 11, n.1, jan-jun 2019, 552-576.

PERES, Roberta Guimarães. “O que importa é o que acontece com a sua família”: um diálogo entre família e migração. **PerCursos**, v. 15, n. 28, p. 146-165, 2014.

RIVERA SÁNCHEZ, Liliana. Las trayectorias en los estudios de migración: una herramienta para el análisis longitudinal cualitativo. **Métodos cualitativos y su aplicación empírica: por los caminos de la investigación sobre migración internacional**. Universidad Nacional Autónoma de México Instituto de Investigaciones Sociales. El Colegio de la Frontera Norte. México, 2012.

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada. A interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, p. 227-249, 2014.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**, A. Edusp, 1998.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Artigos Lusosofia / Universidade da Beira Interior**. Covilhã., 2009.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

WEBER, Regina. Estudos sobre imigrantes e fontes orais: identidade e diversidade. **História oral: revista da Associação Brasileira de História Oral. Recife, PE.** Vol. 16, n. 1 (2013), p. 5-22, 2013.